



# **A concordância do verbo *ser* em estruturas clivadas do português europeu**

Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem,  
Área de especialização em Consultoria e Revisão  
Linguística

Zhang Jing

Maio de 2024

*À minha família e aos meus amigos*

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, área de especialização em Consultoria e Revisão Linguística, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Lobo.

## **Agradecimentos**

A elaboração desta dissertação não foi fácil, e não podia acabar sem o apoio de muitas pessoas. Aqui, queria agradecer a algumas pessoas especiais.

À minha orientadora, a Professora Maria Lobo, que acreditou no meu tema e aceitou ser a minha orientadora. Agradeço todas as horas disponíveis, todas as revisões do meu português. Agradeço todas as sugestões durante a criação, implementação e análise do questionário. Agradeço à professora pelo profissionalismo, paciência e tranquilidade durante as orientações, o que aliviou muito a minha ansiedade nesse período.

A todos os participantes deste projeto, sem o seu preenchimento do meu inquérito, não teria conseguido completar esta dissertação.

À Célia Wu, que sempre me acompanhou quando eu tinha necessidades, que sempre me encorajou e apoiou.

À minha senhoria, Isabel, pelo encorajamento e suporte espiritual. É uma pessoa muita positiva, que me deu muita força para não desistir quando eu me sentia mal. Também muito obrigada pela sua ajuda durante a estadia em casa.

À Catarina Aires, agradeço-lhe por responder a todas as minhas perguntas sobre o curso e estudo, e por apoiar minha tese.

Ao Micky Yu, à Jacinta Wu, pelo tempo que dispensaram para me confortar quando eu estava ansiosa e por me darem motivação para chegar aqui.

Aos meus pais, agradeço-lhes por todo o apoio e amor incondicional, sem o seu apoio não teria sido possível vir para Portugal frequentar este curso, nem poderia ter a oportunidade de ampliar os meus horizontes.

# A CONCORDÂNCIA DO VERBO *SER* EM ESTRUTURAS CLIVADAS DO PORTUGUÊS EUROPEU

Zhang Jing

## Resumo

O português é uma língua românica que dispõe de um conjunto rico de estruturas clivadas. Muitos autores já têm investigado várias propostas destinadas ao estudo das propriedades sintáticas, discursivas e pragmáticas das estruturas clivadas.

Este trabalho pretende centrar-se na concordância do verbo *ser* em estruturas clivadas canônicas e pseudoclivadas básicas. Com base na descrição de Martins & Lobo (2020), no capítulo sobre construções de foco e clivagem, que integra o terceiro volume da Gramática de Raposo et al. (2020), editada pela Fundação Calouste Gulbenkian, procuramos verificar: i) qual é o padrão de concordância do verbo *ser* nas duas estruturas clivadas que preferem os falantes nativos de português europeu (PE); ii) se há variação na concordância do verbo *ser* dependendo da função sintática do constituinte clivado; e iii) se há variação na concordância dependendo do tipo de estruturas clivadas.

Para obter os dados dos participantes, realizou-se um questionário por meio do *Google Forms online*. Com os resultados obtidos, chegamos à conclusão de que: i) os falantes de PE preferem que o verbo *ser* concorde com o constituinte clivado se este for um DP plural nos dois tipos de estruturas clivadas; ii) nos casos em que o constituinte clivado tem a função sintática de sujeito, os falantes preferem sempre a concordância do verbo *ser*, no entanto, quando o constituinte clivado tem uma função sintática de complemento direto nas duas estruturas, os falantes mostram padrões mais complexos, com uma maior taxa de aceitação do verbo no plural; iii) nas estruturas clivadas canônicas, quase todas as respostas apresentam uma taxa de aceitação da concordância do verbo *ser* quando o sujeito é clivado, enquanto, quando o complemento direto é clivado, 30% das respostas aceitam a não-concordância e 70% das respostas aceitam a concordância. Nas pseudoclivadas básicas, os falantes também manifestam uma esmagadora taxa de aceitação de frases em que o verbo *ser* concorda com o constituinte clivado com a função sintática de sujeito. Contudo, 92% das respostas consideram aceitáveis as frases em que o verbo *ser* concorda com o constituinte clivado que é sintaticamente complemento direto,

e 35% das respostas aceitam a não-concordância. Conseqüentemente, os falantes aceitam mais a concordância nas estruturas pseudoclivadas básicas do que nas clivadas canônicas.

**Palavra-chave:** concordância verbal; verbo copulativo *ser*; estruturas clivadas; estruturas clivadas canônicas; estruturas pseudoclivadas.

# **AGREEMENT PATTERNS OF THE COPULAR VERB IN CLEFT STRUCTURES OF EUROPEAN PORTUGUESE**

**Zhang Jing**

## **Abstract**

Portuguese is a Romance language that has a rich set of cleft structures. Many authors have already investigated various proposals aimed at studying the syntactic, discursive and pragmatic properties of cleft structures.

In this dissertation, we intend to focus on the agreement of the copular verb “ser” in canonical cleft structures and basic pseudo-cleft structures. Based on the description of Martins and Lobo (2020), in the chapter on focus and cleft constructions, which is part of the third volume of the Portuguese Grammar by Raposo et al. (2020), edited by the Calouste Gulbenkian Foundation, we investigated: i) what is the preferred agreement pattern of the verb “ser” in the two cleft structures among native speakers of European Portuguese (EP); ii) whether there is variation in the agreement of the verb “ser” depending on the syntactic function of the clefted constituent; and iii) whether there is variation in agreement depending on the type of cleft structure.

To collect data, a questionnaire was carried out with Google Forms online. The results allowed us to reach the following conclusions: i) EP speakers prefer that the verb “ser” agrees with the clefted constituent if it is a plural DP in both types of cleft structures; ii) in cases where the clefted constituent has the syntactic function of subject, speakers always prefer the agreement of the verb “ser”, however when the clefted constituent has a syntactic function of direct complement, speakers show more complex patterns of agreement in both structures; iii) in the canonical cleft structures, almost all the answers show acceptance of agreement of verb “ser” when the subject is clefted, while 30% of the answers accept non-agreement and 70% of the answers accept agreement when the direct complement is clefted. In basic pseudo-cleft structures, it also shows overwhelming acceptability for sentences in which the verb “ser” agrees with the clefted constituent that has the syntactic function of subject. However, 92% of responses consider sentences in

which the verb “ser” agrees with the clefted constituent that is syntactically the direct complement to be acceptable, and 35% of responses accept non-agreement of verb “ser”. As a result, speakers are accepting agreement of verb “ser” in basic pseudo-cleft structures more often than in canonical cleft structures.

**keyword:** verbal agreement; copular verb “ser”; cleft structures; canonical cleft structures; pseudo-cleft structures.

## Lista de abreviatura e siglas

A	Adjetivo
Adv	Advérbio
C	Complementador
CD	Complemento Direto
DP	Sintagma Determinante (Determiner Phrase)
I	Inflection
IP	Sintagma Flexional (Inflectional Phrase)
N	Nome
P	Preposição
PE	Português Europeu
S	Sujeito
SN	Sintagma Nominal
Spec	Especificador (Specifier)
SC	Oração Pequena (Small Clause)

## Índice

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>III</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>IV</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>VI</b>
<b>Lista de abreviatura e siglas</b> .....	<b>VIII</b>
<b>Lista de tabelas</b> .....	<b>VII</b>
<b>Lista de gráficos</b> .....	<b>VIII</b>
<b>1. Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>2. Enquadramento</b> .....	<b>4</b>
2.1 Gramática, variação e revisão .....	4
2.2 Concordância sujeito-verbo .....	7
2.3 O verbo copulativo <i>ser</i> .....	12
2.4 Estruturas clivadas .....	16
2.4.1 O foco .....	16
2.4.2 Análises de estruturas clivadas .....	19
<b>3. Questões de investigação</b> .....	<b>27</b>
<b>4. Metodologia</b> .....	<b>29</b>
4.1 Teste experimental .....	29
4.2 Participantes .....	34
4.3 Anotação de resultados .....	35
<b>5. Resultados</b> .....	<b>36</b>
5.1 Resultados globais .....	36
5.2 Resultados em estruturas clivadas canónicas .....	37
5.3 Resultados em estruturas pseudoclivadas básicas .....	40
5.4 Análise dos resultados individuais dos participantes .....	43
<b>6. Discussão e conclusões finais</b> .....	<b>45</b>
<b>Referências bibliográficas</b> .....	<b>51</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>56</b>
Anexo 1 — Resultados individuais na tarefa de juízo .....	56
Anexo 2 — Lista de itens de teste .....	58
Anexo 3 — Lista de distratores .....	61
Anexo 4 — Ficha de inscrição e questionário de tarefa de juízo .....	62

## Lista de tabelas

Tabela 1. Flexão verbal do verbo <i>ser</i> em estruturas clivadas (adaptada de Martins & Lobo, 2020, p. 2657) .....	20
Tabela 2. Propriedades morfossintáticas das estruturas clivadas (adaptada de Martins & Lobo, 2020, p. 2657) .....	23
Tabela 3. Flexão do verbo <i>ser</i> em estruturas clivadas (adaptadas de Costa & Duarte, 2001).....	25
Tabela 4. Número de condições de frases de teste em cada grupo.....	32
Tabela 5. Representação de oito contextos para frases de teste .....	32
Tabela 6. Perfil dos participantes .....	34
Tabela 7. Quadro de valores médios obtidos na tarefa de juízos de aceitabilidade .....	36
Tabela 8. Quadro de aceitabilidade de concordância do verbo <i>ser</i> em estruturas canônicas .....	39
Tabela 9. Quadro de aceitabilidade da concordância do verbo <i>ser</i> em estruturas pseudoclivadas básicas .....	42

## Lista de gráficos

Gráfico 1. Proporção do sexo dos participantes .....	34
Gráfico 2. Distribuição de escolha das respostas obtidas em estruturas canônicas .....	37
Gráfico 3. Número de respostas de escolha 1 e 2 e de escolha 4 e 5 em estruturas canônicas .....	38
Gráfico 4. Distribuição de escolha das respostas obtidas em pseudoclivadas básicas ...	40
Gráfico 5. Número de respostas de escolha 1 e 2 e de escolha 4 e 5 em pseudoclivadas básicas.....	41

## 1. Introdução

O português é uma língua românica que dispõe de um conjunto rico de estruturas clivadas: 1) as clivadas canônicas (cf. 1a); 2) as clivadas-Q (cf. 1b); 3) as pseudoclivadas básicas (cf. 1c); 4) as pseudoclivadas invertidas (cf. 1d); 5) as pseudoclivadas invertidas de *é que* (cf. 1e); 6) as semi-pseudoclivadas (só com verbo *ser*) (cf. 1f).

- (1) a. Foi a Ana que perdeu o cartão SIM.  
b. Foi a Ana quem perdeu o cartão SIM.  
c. Quem perdeu o cartão SIM foi a Ana.  
d. A Ana foi quem perdeu o cartão SIM.  
e. O cartão SIM é que a Ana perdeu.  
f. A Ana perdeu foi o cartão SIM.

As construções clivadas têm como objetivo enfatizar um constituinte mediante a realização mais canônica do verbo copulativo *ser* e, por vezes, de *que* (ou outro conector). Em Martins & Lobo (2020), no capítulo sobre construções de foco e clivagem, que integra o terceiro volume da Gramática de Raposo et al. (2020), editada pela Fundação Calouste Gulbenkian, regista-se que cada tipo de estrutura clivada apresenta propriedades distintas, no que toca aos constituintes que permitem ser clivados, à possibilidade de a oração ser negada, à concordância do verbo *ser* e do verbo na oração introduzida por *qu-*, bem como à interpretação no contexto discursivo. E, por isso, as construções clivadas, apesar de todas terem a função de ênfase do constituinte clivado, têm propriedades sintáticas, discursivas, semânticas e pragmáticas diferentes.

Este trabalho pretende dedicar-se à concordância do verbo *ser* em estruturas clivadas, dado que se observou que, no uso dos falantes, existem variações de concordância do verbo *ser*, nem sempre se obedecendo às regras do português padrão. Por exemplo, de acordo com Martins & Lobo (2020), nas estruturas clivadas canônicas, quando o complemento direto é clivado, o verbo *ser* mantém-se na terceira pessoa do singular, não manifestando concordância de número:

(2) Foi os copos que as crianças partiram.

No entanto, as autoras mencionam que alguns falantes também aceitam a concordância com o constituinte clivado em número, produzido no exemplo (3):

(3) Foram os copos que as crianças partiram.

No uso real, que padrão é que os falantes preferem? Tendo em conta esta variação, pareceu-nos interessante investigar o grau de aceitabilidade na variação da concordância do verbo *ser* nas estruturas clivadas entre os falantes nativos, uma vez que a língua, possivelmente, está a mudar sem nos apercebermos. Efetivamente, mesmo que os exemplos (2) e (3) superficialmente se diferenciem na concordância em número do verbo *ser*, mostram diferentes propriedades na sintaxe. Por exemplo, no exemplo (2), o verbo *ser* está na terceira pessoa do singular, sendo o sujeito expletivo<sup>1</sup> ( $\emptyset_{EXP}$ ) o que atribui o traço de número singular. Porém, no exemplo (3), o sujeito *os copos* é o controlador da concordância do verbo *ser*, desencadeando a concordância no plural. No final do trabalho, iremos discutir um pouco a estrutura sintática das estruturas clivadas com e sem concordância.

Os seis tipos de clivadas não apresentam o mesmo padrão de concordância do verbo *ser*. As construções pseudoclivadas invertidas de *é que*, ao contrário dos restantes tipos, não permitem a concordância do verbo *ser* (este mantém sempre a forma *é*) nem a separação de *é* e *que* (não se pode intercalar um constituinte como *é os carros que*), o que indica que existe lexicalização de *é que* (Ambar, 1997; Costa & Duarte, 2001). Neste trabalho, optamos por nos focar em estruturas clivadas canónicas e pseudoclivadas básicas, nas quais o verbo *ser* manifesta variação na concordância entre falantes. Pretende-se investigar o grau de aceitabilidade dos falantes nativos de português europeu (PE) relativamente às estruturas clivadas canónicas e pseudoclivadas básicas com e sem

---

<sup>1</sup> Também conhecido como sujeito vazio,  $\emptyset$  é um pronome ou palavra que não tem expressão realizada na frase, mas é utilizado por razões gramaticais, como preencher uma lacuna ou para fins estilísticos. Em português, temos:

- (i)  $\emptyset_{EXP}$  Vai chover.
- (ii)  $\emptyset_{EXP}$  Nevou.

Equivalente a “it” em inglês, só que não há realização fonética nem gráfica como em inglês:

- (i) It is raining.

concordância do verbo *ser*. Para obter os dados dos falantes nativos, recorreu-se a um questionário, no qual se deu aos falantes nativos uma tarefa de juízos de aceitabilidade com uma escala de *Likert*. Solicitou-se aos participantes a avaliação de aceitabilidade das frases apresentadas no questionário, com cinco opções de escolha. Com base nos resultados obtidos, espera-se discutir três questões:

1. Os falantes nativos de PE preferem sempre a concordância do verbo *ser* nas estruturas clivadas e pseudoclivadas? Ou preferem sempre a não-concordância do verbo *ser*?
2. Há diferenças na aceitabilidade da concordância do verbo *ser* dependendo da função sintática do constituinte clivado? Há maior aceitação da concordância com constituintes sujeitos clivados do que com objetos clivados?
3. Há diferenças nos juízos de aceitabilidade em função do tipo de estrutura clivada (clivada canónica vs. pseudoclivada)?

Este trabalho está organizado em cinco capítulos, para além desta introdução. No capítulo 2, faz-se o enquadramento teórico do verbo *ser* e das estruturas clivadas; no capítulo 3, são apresentados os objetivos do trabalho e as questões de investigação; no capítulo 4, apresenta-se a metodologia desenvolvida neste estudo; no capítulo 5, apresentam-se os resultados e no capítulo 6, apresentam-se a discussão dos resultados e as conclusões finais.

## 2. Enquadramento

Este capítulo aborda quatro questões principais: i) gramática, variação e relevância para os contextos de revisão; ii) concordância sujeito-verbo; iii) o verbo copulativo *ser*; e iv) a concordância do verbo *ser* em estruturas clivadas.

### 2.1 Gramática, variação e revisão

Na área de Consultoria e Revisão Linguística, o trabalho de revisão envolve o processo de examinar e avaliar cuidadosamente um texto escrito para identificar e corrigir erros gramaticais, imprecisões, inconsistências, ambiguidades e problemas de estilo. Este processo é realizado com o objetivo de aprimorar a qualidade do texto, tornando-o mais claro, preciso, coerente e eficaz na comunicação de ideias. Para atingir esse objetivo, o revisor precisa ainda de recorrer aos instrumentos externos, para além dos conhecimentos e experiências próprias. E os instrumentos de normalização linguística, incluindo obras de referência (dicionários e gramáticas) e obras de divulgação (prontuários, guias de estilo, manuais de redação), são utilizados como fontes essenciais de consulta para qualquer revisor antes da sua intervenção de revisão (Fidalgo, 2014, p. 29). O artigo que discutimos neste trabalho, de Martins & Lobo (2020), integrado no terceiro volume de *Gramática do Português* de Raposo et al. (2020), também é uma obra de referência para o revisor.

Perante os estudos gramaticais relacionados com a língua, existem duas perspetivas distintas, a prescritiva e a descritiva. A primeira, conhecida também como normativa, foca-se na padronização da língua através de um conjunto de regras gramaticais moldadas pelos usos linguísticos de falantes com mais prestígio e destaca a noção do uso linguístico “correto” e “incorreto”. Essa língua padrão é uma variedade de prestígio, considerada como o modelo linguístico ideal e uniforme de falar e escrever corretamente, que se destina à facilitação da compreensão entre os falantes (Cunha & Cintra, 2014; Raposo et al., 2013; Milroy, 2001; Milroy & Milroy, 2012). Para além disso, existem as variedades dialetais, regionais ou sociais.

Ferguson (1996, p. 189) define a padronização como «the process of one variety of a language becoming widely accepted throughout the speech community as a supradialect norm – the ‘best’ form of the language – rated above regional and social dialects, although these may be felt to be appropriate in some domains». A padronização resulta inevitavelmente em uniformidade e supressão da variação. Por sua vez, Milroy (2001) indica que o processo de padronização envolve a ação de promover a invariância e a uniformização nas estruturas linguísticas.

No entanto, a padronização é um processo contínuo, que pode mudar ao longo do percurso histórico. Haugen (1972) apresenta uma proposta de processo de padronização que envolve várias etapas<sup>2</sup>: 1) seleção de uma norma; 2) codificação de forma; 3) elaboração de função; 4) aceitação pela comunidade. Todavia, Milroy & Milroy (1992) acrescentam mais três passos a este processo, o que resulta nas seguintes etapas: 1) seleção; 2) aceitação; 3) difusão; 4) manutenção; 5) elaboração de função; 6) codificação (através de gramáticas e dicionários) e 7) prescrição (uma variedade é tomada como a “correta”). Milroy & Milroy (1992) afirmam que estes passos não são obrigatoriamente sequenciais, podendo ocorrer fora de ordem. E nos sete passos, a prescrição é um elemento importante, uma vez que se constata a necessidade de o padrão ser mantido ou supervisionado pela norma. As gramáticas e os dicionários são instrumentos relevantes para a manutenção da língua padrão (Pillière, 2018).

Para o PE, a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha & Cintra (2014), é uma gramática prescritiva essencial. Os autores referem no prefácio que aquela gramática é «uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do

---

<sup>2</sup> “Applied to the English language, the first stage is traditionally identified as the selection of the East Midlands dialect, due largely to economic and political factors (Nevalainen and Tieken-Boon Van Ostade 275). This East Midlands variety is said to have been spread by clerks in Chancery (Wright 5) or by the merchant class based in London (Leith 32), with scholars frequently underlining the role played by Caxton in selecting this variety for printing.’ However, it cannot be said to have been officially selected or legally sanctioned in any way (Cheshire 14). It was then codified and regularised, through a series of grammar, spelling and pronunciation reforms in the seventeenth and eighteenth centuries. Johnson’s dictionary (1755), Lowth’s Short Introduction to English Grammar (1762), and Walker’s pronouncing dictionary (1791) are among the most notable. Haugen’s “elaboration stage” is exemplified by the adoption of the newly standardised language in government, education, law and the media, resulting in its acceptance by the wider community as socially prestigious and desirable”. (Pillière, 2018: 2)

Romantismo para cá» (p. XIV). Para os revisores, esta gramática é uma referência importante porque estabelece claramente as normas de utilização da língua culta e formal na escrita. No entanto, há, em diversos momentos da história de uma língua, ocasiões em que os falantes não seguem as regras da gramática normativa, havendo desvios no uso. Quando esse uso se estende a um número considerável de falantes e eles não o consideram errado, pode evoluir tornando-se norma (Bakhtin, 2006). Nesse sentido, importa ainda ter em consideração a variação que ocorre naturalmente numa língua (relativamente à gramática normativa).

A outra perspectiva, a descritiva, não faz juízos de valor sobre o uso correto ou incorreto quanto aos diferentes usos da língua e a variação, mas descreve sem preconceitos as suas características linguísticas, através de análises detalhadas dos diferentes contextos em que podem ocorrer.

Raposo et al. (2013) referem, no capítulo de introdução da *Gramática do Português*, que esta gramática tem como foco o português padrão, porém, a descrição gramatical adota estritamente a perspectiva descritiva. Por isso, na Gramática, «o leitor não encontrará regras normativas que valorizem uma determinada variante em detrimento de outra, ou que se considerem incorretas opções gramaticais que não sejam as do português-padrão.» (Raposo et al. 2013, p. XXVI). Os autores pretendem fornecer uma compreensão do sistema linguístico português o mais abrangente possível.

Neste trabalho, discute-se a concordância do verbo *ser* em estruturas clivadas com base no artigo de Martins & Lobo (2020), não se pretendendo criticar ou julgar qual é o uso correto ou incorreto, mas simplesmente procurando saber qual o padrão de uso da língua que os falantes preferem quando usam estas estruturas. A atualização da gramática não é tão rápida como a atualização da linguagem dos falantes, que se encontra em permanente evolução. Por isso, este trabalho é também uma discussão a partir do artigo de Martins & Lobo (2020), na esperança de contribuir com algumas perspectivas mais ponderadas em relação à revisão e, assim, refletir sobre ambos os tópicos.

## 2.2 Concordância sujeito-verbo

No PE, existe a concordância nominal, como em (4) e (5), a concordância sujeito-verbo, como em (6) e (7) e a concordância predicativa, como em (8) e (9).

- (4) As cortinas finas.
- (5) O carro caro.
- (6) As meninas gostam de ir à praia.
- (7) Eu gosto de ir à praia.
- (8) As crianças chegam molhadas.
- (9) Ele estava muito cansado.

A concordância nominal ocorre quando adjetivos, artigos e outros determinantes concordam em género (masculino ou feminino) e número (singular ou plural) com o substantivo ao qual se referem. A concordância sujeito-verbo marca a relação gramatical que se estabelece entre o sujeito de uma frase e o verbo que o acompanha em termos de número (singular ou plural) e pessoa (primeira, segunda ou terceira pessoa). A concordância predicativa marca a relação gramatical que se estabelece entre o verbo e o predicativo do sujeito em termos de género (masculino ou feminino) e número (singular ou plural).

De acordo com a tradição gramatical normativa (cf. Cunha & Cintra, 2014), o verbo flexiona em número e encontra-se no singular quando concorda com um único sujeito (cf. 10, 11), devendo estar no plural quando concorda com mais de um constituinte nominal (sujeito composto), e flexiona, ainda, em pessoa, conjugando-se em 1ª pessoa (cf. 12), 2ª pessoa (cf. 13) ou 3ª pessoa (cf. 14):

- (10) Eles aguardam o resultado do exame médico.
- (11) Ele não chegou a tempo.
- (12) Fernando e eu vamos à praia amanhã.
- (13) Tu e os teus amigos formais uma boa equipa.
- (14) A Carla e a Leonor deram aulas de Samba.

Neste trabalho, discutimos essencialmente a concordância do verbo *ser*, que se enquadra na concordância sujeito-verbo. No PE, o sujeito e o verbo concordam independentemente da posição do sujeito (Costa & Silva, 2006). Ou seja, quando o sujeito está na posição pós-verbal ou invertida, o verbo também tem de concordar com o sujeito. No entanto, Peres & Mória (1995), no seu estudo baseado em dados de língua escrita da variedade culta do português, referem que o domínio da concordância verbal envolve variação. Essa variação está relacionada com o tipo de sujeito, no que toca aos casos de concordância parcial (com sujeitos coordenados) (cf. 15) e aos casos de concordância lógica (com sujeito complexo) (cf. 16).

(15) a. Impressionam-me o entusiasmo e dedicação destes jovens.

b. Impressiona-me o entusiasmo e dedicação destes jovens.

(16) a. Vinte estudantes foram a exame. A maioria passou.

b. Vinte estudantes foram a exame. A maioria passaram.

(exemplos de Peres & Mória, 1995, p. 449-450)

A variação na aceitabilidade da concordância por parte de alguns falantes no estudo realizado pelos autores permite-nos saber que, nos primeiros casos (cf. 15), o verbo tem a possibilidade de concordar com o sujeito coordenado (concordância no plural), e também pode concordar com o constituinte mais próximo do verbo (concordância no singular). No que diz respeito a este padrão de concordância, há outros autores que estudam especialmente a concordância plena e a concordância parcial nas estruturas coordenadas (cf. Colaço, 2005; Colaço, 2006; Colaço, 2012, Colaço, 2016). No segundo caso (cf. 16), a variação da concordância verbal com o sujeito *maioria* manifesta-se como marcação no singular sendo o sujeito *maioria* morfologicamente singular ou como marcação no plural, sendo *maioria* semanticamente plural.

Peres & Mória (1995) referem ainda que a não-concordância pode ser influenciada pelo tipo de verbo (incluindo os verbos inacusativos) e outras construções relacionadas que permitem o sujeito em posição pós-verbal <sup>3</sup>. Vejam-se os exemplos:

---

<sup>3</sup> Também Cardoso, Carrilho & Pereira (2011) discutem a concordância verbal de 3sg e 3pl nas construções passivas e impessoais.

(17) a. Nem ao professor Salazar [...] passaria pela cabeça semelhantes prepotências.  
(*o independente*, 24/08/1990, p.III-5)

b. Veio-nos à memória as declarações prestadas [...] (*o independente*,  
10/03/1989, p.III-24)

c. Desta vez coube-nos em sorte três novelas[...] (*o jornal Ilustrado*,  
12/05/1989, p.20)

(exemplos de Peres & Mória, 1995, p. 453)

Costa (2000) também consente que há casos que manifestam a não-concordância, como frases com verbos inacusativos na fala coloquial. Costa & Silva (2006) concordam com esta proposta, considerando ser esta a única exceção à regra de concordância verbal.

(18) a. Os amigos deram um presente à Maria.

b. Deram um presente à Maria os amigos.

c. \*Deu um presente à Maria os amigos.

d. As florestas arderam.

e. Ardeu as florestas.

(exemplos de Costa, 2000, p. 95)

Para além dos estudos referidos sobre a variedade escrita da língua, os dados do PE dialetal oferecem-nos outros exemplos de não-concordância. Aqui, encontra-se um conjunto de exemplos extraídos do *corpus* CORDIAL-SIN em (19). Carrilho (2003) também retira alguns exemplos deste *corpus*, nos quais o sujeito está na posição pós-verbal (cf. 20).

(19) a. Entretanto chegou a mãe e a madrinha à beira dele. (*CTL08-115*)

b. Dantes havia aquelas algibeiras -- umas algibeiras para pôr o dinheiro, não era bolsos. (*VPA38-3*)

c. Dantes era carros de vacas, esses carros de vacas aqui. (*VPA53-5*)

(20) a. Veio aqui (...) umas máquinas por conta do governo. (*PST07*)

b. Há aqui um regato, conforme vai estes ribeirozitos. (*PFT42*)

c. Mas depois vai as toucas atrás. (*PAL33*)

d. Nunca mais apareceu esses cardumes aqui(...) desse peixe. (VPA53)

É notável que, entre os exemplos em (19) e (20), a concordância não *standard* ocorre em contextos em que: i) o sujeito está em posição pós-verbal (cf. 19a, 20), ii) o verbo é *ser* (cf. 19b, c).

No que concerne o verbo *ser*, Mota & Vieira (2008) apresentam-nos mais exemplos da concordância do verbo *ser*, extraídos do *corpus* CETEMPUBLICO (cf. 21).

(21) a. (...) é as presidenciais primeiro (...). (Ext 543183 (pol,92a))

b. (...) o que nela me interessa não é as formas mas (...). (Ext 1030690 (nd, 92a))

c. O meu carro é as minhas pernas. (Ext 1232409(soc,95a))

(exemplos de Mota & Vieira, 2008, p. 88)

Os autores consideram que, com o verbo *ser*, podemos ter dois tipos de construções - identificacionais (cf. 22) e apresentativas (cf. 23) - que envolvem a variação da concordância.

(22) a. A minha principal preocupação são os incêndios.

b. A minha principal preocupação é os incêndios.

(23) a. São os meus primos que vêm jantar.

b. É os meus primos que vêm jantar.

Cunha & Cintra (2014) registam que, nas orações interrogativas iniciadas pelos pronomes *que* e *quem*, o verbo *ser* tende a concordar com o predicado (cf. 24, 25).

(24) Que são seis meses? (Machado de Assis, OC, 1041)

(25) Quem teriam sido os primeiros deuses? (António Sérgio, E, IV, 245.)

(exemplos de Cunha & Cintra, 2014, p. 501)

Numa frase com um sujeito composto pós-verbal, o verbo *ser* pode concordar com o constituinte mais próximo. No entanto, os autores salientam que o verbo *ser* é invariável com a locução *é que*:

«A locução de realce *é que* é invariável e vem sempre colocada entre o sujeito da oração e o verbo a que ela se refere. Assim:

José **é que** trabalhou, mas os irmãos **é que** se aproveitaram do seu esforço.

É uma construção fixa, e não deve ser confundida com outra semelhante, mas móvel, em que o verbo *ser* antecede o sujeito e passa, naturalmente, a concordar com ele e a harmonizar-se com o tempo dos outros verbos. Compara-se, por exemplo, ao anterior o seguinte período:

José **é que** trabalhou, mas **foram** os irmãos **que** se aproveitaram do seu esforço.»

(Cunha & Cintra, 2014, p. 504).

Costa & Duarte (2001) e Ambar (1997) analisam *é que* como uma locução cristalizada, uma vez que, nas pseudoclivadas invertidas de *é que*, o verbo *ser* é invariável, mantendo-se sempre na terceira pessoa do singular do indicativo, como ilustrado no exemplo (26):

- (26) a. O bolo *é que* as crianças comeram.  
b. \*O bolo foi *que* as crianças comeram.  
c. \*Os bolos são *que* as crianças comeram.

Com base nas referências destes autores, chegamos à seguinte síntese acerca da variedade da concordância sujeito-verbo do PE culto:

- (i) a concordância parcial está relacionada com o tipo de sujeito (coordenado e complexo);
- (ii) a posição pós-verbal do sujeito tem a possibilidade de desencadear a concordância não padrão;
- (iii) o tipo de verbo (nomeadamente os verbos inacusativos e copulativos, incluindo o verbo *ser*) também é um fator que tem efeito na “discordância”.

### 2.3 O verbo copulativo *ser*

Na secção 2.2, enunciámos a variação no padrão de concordância sujeito-verbo, especificamente do verbo *ser*. Nesta secção, discutimos as possibilidades de esse tipo de variação da concordância acontecer e as propriedades sintáticas do verbo *ser*, a partir do trabalho de Tavares (2005).

Em termos gerais, classifica-se o verbo *ser* como verbo copulativo (ou de ligação), não estando na categoria dos verbos inacusativos. Raposo (2013, p. 1297) explica que «uma oração que exprime uma predicação de base adjetival ou nominal chama-se oração copulativa, em virtude de o seu predicador conter um verbo copulativo». O autor classifica os verbos semanticamente em dois grupos:

- (i) «os que são usados para atribuir uma propriedade ao sujeito ou para descrever um estado no qual este se encontra (*ser, estar, andar, continuar, revelar-se e parecer*); e
- (ii) os que são usados para descrever uma mudança de estado do sujeito (*ficar e tornar-se*).»

(Raposo, 2013, p. 1304)

O verbo *ser* pode ligar e apresentar uma propriedade estável do sujeito (pode ser indivíduo ou entidade) (por exemplo, *O Miguel é bonito* ou *Este prédio é alto*). E ao mesmo tempo, pode identificar a referência em resultado de os sintagmas nominais predicativos serem especificados por um determinante ou modificador especial (por exemplo, *O Miguel é aquele rapaz bonito* ou *Este prédio é o mais alto*).

Quanto à análise de construções do verbo *ser*, Stowell (1981) assume a proposta de que os verbos copulativos selecionam uma oração pequena (SC, Small Clause) e Costa & Duarte (2001), na sua análise unificada, seguem esta proposta. Tavares (2005), na sua investigação, também assume que o verbo *ser* seleciona uma oração pequena com a estrutura de base [ser [<sub>sc</sub> [DP suj] [XP pred]]], na qual o verbo *ser* assume a ligação entre o SN e o constituinte predicativo. As frases copulativas com o verbo *ser* são derivadas da

estrutura de base por *mover- $\alpha$* , ficando o DP<sub>suj</sub> em posição pré-verbal e o XP<sub>pred</sub> em posição pós-verbal. O XP, constituinte predicativo, pode ter como núcleo A, N, P ou Adv. Assim, a ordem final de constituintes segue, geralmente, o esquema apresentado em (27).

(27) DP<sub>suj</sub> SER XP<sub>pred</sub>

No seu trabalho, Tavares (2005) investiga as orações copulativas nominais em que *ser* seleciona dois DP – [SER DP<sub>suj</sub> DP<sub>pred</sub>]. O autor estabelece três tipos de copulativas nominais: 1) copulativas predicativas canônicas (cf. 28), 2) predicativas invertidas (cf. 29) e 3) identificacionais (cf. 30), tendo em conta o grau de referencialidade.

(28) DP<sub>>referencial</sub> ser DP<sub><referencial</sub>

A Ana é a minha melhor colega.

(29) DP<sub><referencial</sub> ser DP<sub>>referencial</sub>

A minha melhor colega é a Ana.

(30) DP<sub>=referencial</sub> ser DP<sub>=referencial</sub>

A minha colega é a tua colega.

Nos exemplos (28) e (29), *a Ana* é uma pessoa conhecida pelo falante e interlocutor, mas *a melhor colega* não é conhecida pelo interlocutor. Nesse sentido, *a Ana* é um referente mais específico, ao passo que *a melhor colega* é um referente menos específico. No entanto, no exemplo (30), *a minha colega* e *a tua colega* indicam uma só pessoa, que é colega do falante, bem como colega do interlocutor.

O autor salienta que, nas frases copulativas canônicas e identificacionais, ocorre uma subida do DP<sub>>referencial</sub> para uma posição de especificador do núcleo I (Spec, IP), desencadeando a concordância de pessoa e número com o verbo copulativo *ser*. As copulativas invertidas têm, adicionalmente, uma subida do DP<sub><referencial</sub> para uma posição acima de Spec, IP, e assim o verbo *ser* continua a concordar com o DP pós-verbal. Nesta perspectiva, o autor presume que o verbo *ser* tem maior possibilidade de concordar com o DP com o maior grau de referencialidade. E no caso das frases identificacionais, a

concordância realiza-se com o DP à esquerda. No entanto, o autor nota ainda que, quando um dos DP integra pronomes pessoais e demonstrativos, privilegia-se sempre a concordância verbal com estes pronomes. Vejamos os exemplos seguintes:

(31) Tu és/\*é a causa do protesto.

(32) A causa do protesto \*é/és tu.

(33) Estas cadeiras são/\*é a maior fonte de receita.

(34) A maior fonte de receita \*é/são estas cadeiras.

No *corpus* CETEMPúblico, porém, encontramos um conjunto de exemplos (cf.35) em que ocorre a concordância verbal com o predicado expresso por substantivos plurais nas frases identificadas em que o sujeito é um pronome demonstrativo como *isso*, *isto*, *aquilo*. Nota-se que os DP com traço de pluralidade são os controladores privilegiados da concordância verbal em comparação com os pronomes demonstrativos, que são morfologicamente singulares.

(35) a. Tudo isto são intenções da CP.....de ferro. (*ext19090-soc-96a-2*)

b. Mas isso são especulações. (*ext6098-des-98a-2*)

c. Admitindo que aquilo são cenários. (*ext116391-clt-92b-2*)

Além disso, Tavares (2005) observa que, quando integram dois DP com pronomes demonstrativos, o constituinte que tem traços de pluralidade assume-se como controlador da concordância verbal, como ilustrado nos exemplos (36) e (37).

(36) Estas crianças são/\*é aquela orquestra sinfónica.

(37) Aquela orquestra sinfónica \*é/são estas crianças.

Aliás, o autor acrescenta: para os falantes nativos de PE, a concordância verbal é aceitável tanto com o constituinte nominal pré-verbal como com o constituinte nominal pós-verbal. Vejamos os exemplos seguintes:

(38) a. O espaço onde decorre a ação é os castelos.

b. O espaço onde decorre a ação são os castelos.

(39) a. Os castelos é o espaço onde decorre a ação.

b. Os castelos são o espaço onde decorre a ação.

Efetivamente, Tavares (2005) afirma que não há uma explicação formal para este fenómeno linguístico de variação de concordância. E julga-se que «ocorra um processo de ‘contaminação’ entre estruturas e entre estruturas e interpretação» (Tavares, 2005, p. 149). Não é fácil de distinguir os tipos de frases copulativas e as suas propriedades, eventualmente, confundimos a interpretação das estruturas entre si, «os falantes de PE recorrem alternativamente às diversas estruturas disponíveis, para frases que são, em grande parte, ambíguas» (Tavares, 2005, p. 149).

Com base no trabalho de Tavares (2005), chegamos ao seguinte resumo neste capítulo:

- (i) O verbo *ser* seleciona uma oração pequena com estrutura de base [ser [<sub>sc</sub> [DP<sub>subj</sub>] [XP<sub>pred</sub>]]], podendo esta construção resultar na ordem [DP<sub>subj</sub> SER XP<sub>pred</sub>] por *mover-α*;
- (ii) No estudo da estrutura [DP<sub>subj</sub> SER DP<sub>pred</sub>], o autor considera que há três tipos de frases copulativas nominais: copulativas canónicas; copulativas invertidas e copulativas identificacionais;
- (iii) Entre os três tipos de estruturas, há uma maior possibilidade de os DP com o maior grau de referencialidade desencadearem a concordância do verbo *ser*, e, nas estruturas identificacionais, o verbo concorda com o DP à sua esquerda;
- (iv) Os DP com traço de pluralidade são controladores privilegiados da concordância do verbo *ser*;
- (v) Existem falantes que aceitam a variação na concordância do verbo *ser*.

## 2.4 Estruturas clivadas

### 2.4.1 O foco

Como enunciamos na Introdução, as estruturas clivadas têm o objetivo de focalizar um constituinte, e esse constituinte focalizado é o foco da oração. No entanto, o que denota o foco? Ribeiro & Côrtes (2009) definem foco como a parte não pressuposta<sup>4</sup>, sendo as partes pressupostas contextos já conhecidos pelo falante e interlocutor discursivamente em conformidade com a noção discursiva de pressuposição. Com base nisso, os autores definem o foco como informação nova na frase, podendo ser ilustrado e explicado por pares de perguntas e respostas como os seguintes:

(40) O que aconteceu?

[F O gato comeu um rato ].

(41) O que fez o gato?

O gato [F comeu um rato].

(42) O que comeu o gato?

O gato comeu [F um rato]

(exemplo de Ribeiro & Côrtes, 2009, p. 209)

As perguntas em cada exemplo constituem as partes pressupostas e os conteúdos marcados F entre parênteses retos são o foco da oração declarativa *O gato comeu um rato*, os quais também podem constituir isoladamente a resposta para a pergunta, como por exemplo:

(43) O que comeu o gato?

Um rato.

Podemos ver que a oração declarativa *O gato comeu um rato* pode constituir resposta às três perguntas, porém, se não há perguntas realizadas como acima, é difícil identificar o foco da oração, porque qualquer parte da oração, e até a oração inteira,

---

<sup>4</sup> O foco é a parte não pressuposta da frase (ZUBIZARRETA, 1998; 1999).

conseguem assumir o foco sem contexto ou interpretação pré-construída. Na língua portuguesa, há um tipo de estrutura em que mais facilmente se reconhece o foco: trata-se das estruturas clivadas, uma estratégia destinada a marcar o foco, cujo formato (*ser x que...*) nos permite localizar X como foco (informacional, contrastivo ou não contrastivo)<sup>5</sup>. Contudo, esta estrutura precisa de contextos pré-construídos para se poder distinguir do foco identificacional contrastivo ou do não contrastivo. Apresentamos um par de perguntas e respostas do *corpus* do estudo de Côrtes como exemplo:

(44) DOC - A senhora nunca foi a São Paulo?

INF - Quem sempre vai a São Paulo é meu marido. (RC-13)

(45) DOC: Quem deu chapéu? Comprô pra isso ou...

INF: O chapéu que eu usei mesmo foi Ana que me deu. (CZ-10)

No exemplo (44) destaca-se *meu marido*, o foco identificacional contrastivo. Na pergunta, o interlocutor está a questionar a senhora para saber se ela nunca foi a São Paulo, porém, ela respondeu que o marido vai sempre a São Paulo. Aqui, relativamente à ida para São Paulo, a senhora não ia, mas o marido vai sempre, existindo um contraste entre a senhora e o marido. Por outro lado, *meu marido* é uma informação nova que a senhora fornece. No exemplo (45), *Ana* é o foco identificacional, não contrastivo. A pergunta não apresenta nem refere outra pessoa que possa ser contrastada com *Ana*, é somente em pedido de informação nova.

Adicionalmente, Kiss (1998) aponta dois tipos de focos: foco identificacional e foco informacional, em função da análise dos exemplos de inglês e húngaro, justificando que o primeiro tipo de foco estabelece um contraste com outros elementos no universo discursivo e apresenta traços de exaustividade. Por contraste, o foco informacional não tem essas características. Vejam-se os exemplos:

---

<sup>5</sup> “A partir de uma distinção entre orações básicas — também denominadas orações neutras ou orações não marcadas — e orações marcadas, incluem-se as construções de clivagem no segundo grupo, por geralmente serem vistas como um tipo relacionado com focalização, em que um constituinte X é o foco identificacional, contrastivo ou não contrastivo, em estruturas do tipo *é/foi X que/ quem...*” (Ribeiro & Côrtes, 2009).

(46) Foi a bolsa vermelha que a Maria escolheu.

(47) A Maria escolheu a bolsa vermelha.

No exemplo (46), a Maria apenas escolheu a bolsa vermelha, não selecionou a amarela nem outras peças. Mas no exemplo (47), a Maria escolheu a bolsa vermelha, mas talvez também tenha escolhido os óculos de sol. Por consequência, chamamos ao foco do exemplo (46) foco identificacional, ao passo que o exemplo (47) contém o foco informacional. Mioto (2003) combina os traços de contraste [ $\pm$ contrastivo] e de exaustividade [ $\pm$ exaustivo] para analisar a natureza do foco, obtendo respectivamente os três tipos seguintes:

*Foco informacional [-contrastivo; -exaustivo]*

(48) A: O que o Pedro comprou?

B: Ele comprou [**os sacos de lixo**].

*Foco identificacional [-contrastivo; +exaustivo]*

(49) A: O que o Pedro tirou da estante?

B: Ele tirou [**o livro de Saramago**].

*Foco contrastivo [+contrastivo; +exaustivo]*

(50) A: O Pedro bebeu café?

B: Não, ele bebeu [**sumo de laranja**].

Neste capítulo, discutimos a definição de foco, o que é o foco, bem como os tipos de foco a partir de três autores. Podemos ver que as classificações dos tipos variam um pouco entre os autores, no entanto, todos eles analisam o foco considerando propriedades discursivas, semânticas e pragmáticas.

## 2.4.2 Análises de estruturas clivadas

Este capítulo apresenta algumas propostas de análise das estruturas clivadas<sup>6</sup>, referindo autores que mencionam a concordância do verbo *ser* nas estruturas clivadas. Aqui se destaca Martins & Lobo (2020), Costa & Duarte (2001) e Lobo (2006).

Como referido acima, o PE dispõe de seis tipos de estruturas clivadas<sup>7</sup>. Apesar de os seis tipos serem incluídos na “família” de estruturas clivadas, cada um deles tem diferentes propriedades sintáticas e discursivas, assim como restrições de clivagem, ou seja, nem todos os constituintes podem ser clivados. O capítulo de Martins & Lobo (2020), explica-nos detalhadamente as propriedades de cada tipo de estrutura clivada. Em termos de propriedades morfossintáticas, as autoras analisam e ilustram: 1) os padrões de concordância de tempo e de pessoa-número do verbo copulativo *ser* e do verbo na oração clivada; 2) as restrições quanto ao constituinte clivado; e 3) a possibilidade de negar ou modificar o verbo copulativo *ser*.

As autoras concentram-se na análise da concordância do verbo *ser* em tempo, pessoa e número, e discutem o facto de a concordância do verbo *ser* se manifestar de forma diferente em diferentes estruturas clivadas, com diferentes elementos de clivagem. Na coluna “*ser* flexiona em número” da tabela seguinte, especifica-se se há uma concordância quando o constituinte clivado é um sujeito e um complemento direto.

---

<sup>6</sup> Com o objetivo de facilitar a visão das análises de estruturas clivadas canónicas e pseudoclivadas básicas, que irão ser o foco deste estudo, estas são destacadas a negrito.

<sup>7</sup> 1) as clivadas canónicas (cf. i); 2) as clivadas-Q (cf. ii); 3) as pseudoclivadas básicas (cf. iii); 4) as pseudoclivadas invertidas (cf. iv); 5) as pseudoclivadas invertidas de *é que* (cf. v); 6) as semi-pseudoclivadas (só com verbo *ser*) (cf. vi). Aqui repetem-se os tipos de estruturas clivadas, para relembrar:

- (i) Foi o João que abriu a porta.
- (ii) Foi o João quem abriu a porta.
- (iii) Quem abriu a porta foi o João.
- (iv) O João foi quem abriu a porta.
- (v) A porta é que o João abriu.
- (vi) O João abriu foi a porta.

	SER flexiona em tempo	SER flexiona em pessoa	SER flexiona em número
<b>Clivadas canônicas</b>	+	+	+ S <sup>8</sup>
			- CD <sup>9</sup>
clivadas-Q	+	+	+ S
			- CD
Clivadas <i>é que</i>	-	-	-
Pseudoclivadas invertidas	+	+	- S
			- CD
<b>Pseudoclivadas básicas</b>	+	+	+ S
			-/+ CD
Semi-Pseudoclivadas	+	-	-

Tabela1. Flexão verbal do verbo *ser* em estruturas clivadas (adaptada de Martins & Lobo, 2020, p. 2657)

As autoras apresentam uma análise abrangente e consolidada das características sintáticas relativa a sete tipos de estruturas clivadas, mas na tabela acima incluímos apenas seis tipos. É evidenciado na tabela 1 que todos os tipos de estruturas apresentam flexão em tempo, à exceção das estruturas clivadas de *é que*, as quais permanecem invariáveis (ou cristalizadas). Com relação aos outros cinco tipos de estruturas, observa-se que o verbo *ser* concorda sempre com o tempo do verbo presente na oração introduzida por *qu-*. No caso de a clivagem envolver um pronome de primeira ou segunda pessoa, com exceção das semi-pseudoclivadas, verifica-se que o verbo *ser* assume a concordância

<sup>8</sup> “+S” indica que quando o sujeito for clivado, o verbo *ser* vai concordar com ele.

<sup>9</sup> “- CD” indica que quando o complemento direto for clivado, o verbo *ser* não vai concordar com ele.

de primeira ou segunda pessoa, independentemente de estara ser clivado o sujeito ou o complemento direto (cf. 51, 52, 53).

(51) a. Quem partiu o vaso foste tu. (cf. \*Quem partiu o vaso foi tu.)

b. ? Quem eu convidei foste tu. (cf. Quem eu convidei foi tu.)

(Martins & Lobo, 2020, p. 2647)

(52) a. Foste tu que estragaste o computador. (cf. \*Foi tu que estragaste o computador.)

(Martins & Lobo, 2020, p. 2643)

(53) a. Nós somos quem te pode ajudar.

b. Tu foste quem estragou o computador.

(Martins & Lobo, 2020, p. 2650)

(54) a. Fomos nós quem o João convidou. (cf. \*Foi nós quem o João convidou.)

b. Fomos nós quem estragou o computador. (cf. \*foi nós quem estragou o computador.)

(Martins & Lobo, 2020, p. 2652)

Quanto à concordância em número do verbo *ser*, constata-se a ausência de tal concordância nas clivadas de *é que* e semi-pseudoclivadas. Em contraste, as outras quatro estruturas apresentam variações decorrentes das diferenças nos constituintes clivados. De maneira geral, observa-se que o verbo *ser* tende a concordar com o constituinte clivado em número quando ele desempenha o papel de sujeito (cf. 55a, 56a, 57a), ao passo que não tende a concordar quando ele desempenha o papel de complemento direto (cf. 59b, 60b, 61, 62b).

Clivagem de sujeito:

(55) a. Foram os meninos que partiram os copos. (**clivada canónica**)

b. \*Foi os meninos que partiram os copos.

(56) a. Foram os meninos quem partiu os copos. (clivada-Q)

b. ??Foi os meninos quem partiu os copos.

(57) a. Quem partiu os copos foram os meninos. (**pseudoclivada básica**)  
b. \*Quem partiu os copos foi os meninos.

(58) a. Os meninos foi quem partiu os copos. (pseudoclivada invertida)  
b. ??Os meninos foram quem partiu os copos.

Clivagem de complemento direto:

(59) a. \*Foram as latas que o Fernando esmagou. (**clivada canónica**)  
b. Foi as latas que o Fernando esmagou.

(60) a. ??Foram as latas o que o Fernando esmagou. (clivada-Q)  
b. Foi as latas o que o Fernando esmagou.

(61) O que o Fernando esmagou foi/foram as latas (**pseudoclivada básica**)

(62) a. \*As latas foram o que o Fernando esmagou. (pseudoclivada invertida)  
b. As latas foi o que o Fernando esmagou.

As autoras defendem que, no contexto das estruturas pseudoclivadas invertidas, a utilização mais normativa do verbo *ser* pressupõe a concordância na terceira pessoa do singular, independentemente de o constituinte clivado assumir o papel de sujeito ou complemento direto na oração introduzida por *qu-*. No caso das estruturas clivadas canónicas, clivadas-Q e pseudoclivadas básicas, Martins & Lobo (2020) registam que o verbo *ser* concorda com o constituinte clivado em número quando o constituinte clivado assume a função de sujeito. Porém, prefere-se a não-concordância do verbo *ser* quando o constituinte clivado é o complemento direto nos casos de clivadas canónicas e clivadas-Q, embora alguns falantes aceitem a concordância (cf. 63, 64). Relativamente às pseudoclivadas básicas, o verbo *ser* pode concordar ou não com o constituinte clivado (cf.61).

(63) ? Foram os copos que os rapazes partiram. (Martins & Lobo, 2020, p. 2643)

(64) ??Foram os copos o que os rapazes partiram. (Martins & Lobo, 2020, p. 2649)

	Restrições à clivagem de Adv/PP	Restrições à clivagem de VP	Possibilidade de negar ou modificar SER
<b>Clivadas canônicas</b>	-	+	+
clivadas-Q	+	-	+
Clivadas <i>é que</i>	-	+	-
Pseudoclivadas invertidas	+	-	+
<b>Pseudoclivadas básicas</b>	+/-	-	+
Semi-Pseudoclivadas	-	-	-

Tabela 2. Propriedades morfosintáticas das estruturas clivadas (adaptada de Martins & Lobo, 2020, p. 2657)

Além das características previamente mencionadas, a obra discute pormenorizadamente a formação das estruturas clivadas, oferecendo exemplos das restrições associadas à clivagem de constituintes.

As estruturas semipseudoclivadas são identificadas como um tipo de estrutura com clivagem relativamente menos restritiva, uma vez que permitem a clivagem de sujeitos, complementos diretos, complementos indiretos, constituintes preposicionados, adjuntos adverbiais (inclusive advérbios) e constituintes predicativos. Nota-se que os sintagmas verbais também são passíveis de clivagem (cf. 65), ao passo que esse tipo de clivagem não é permitido nem nas clivadas canônicas (cf. 66) nem nas clivadas de *é que* (cf. 67). Contudo, simultaneamente, observa-se que, no caso das clivadas-Q, pseudoclivadas invertidas e pseudoclivadas básicas, nem todos os adjuntos adverbiais e constituintes preposicionais podem ser clivados, e alguns tipos de clivagem são considerados marginais (cf. 68, 69, 70).

(65) O diretor quis foi aumentar a produtividade.

(66) \* Foi deitar os lixos orgânicos que a Ana fez.

(67) \* Ir à Escócia é que quero fazer no próximo ano.

(68) ??Foi com este homem com quem a Ana casou.

(69) ??À tua mãe era a quem devias agradecer.

(70) ??Quando começa a feira é amanhã.

Vários autores também já têm feito diferentes propostas de análise. Costa & Duarte (2001) assumem uma análise unificada para as seis estratégias clivadas, considerando as estruturas identificacionais, ou seja, o verbo *ser* seleciona uma oração pequena (SC), e o verbo *ser* lexicaliza o núcleo funcional I. Nesta medida, o DP desloca-se para Spec,IP, rege o verbo *ser* e desencadeia a flexão verbal, obtendo-se uma estratégia pseudoclivada invertida. Se o CP se desloca para Spec,IP, obtém-se uma pseudoclivada e o verbo *ser* tem de concordar com o DP. E se o DP se move por *scrambling* para a posição esquerda do CP e fica dentro de SC, obtém-se estruturas clivadas canónicas e clivadas-Q. Podemos ver que os autores tentam explicar e analisar as quatro estratégias clivadas com o mesmo modelo de proposta do exemplo (71). Quanto às estruturas pseudoclivadas invertidas de *é que* e semi-pseudoclivadas, de acordo com os autores, a primeira só ocorre quando o CP tem um complemento nulo e não é possível separar ou flexionar a expressão, ao passo que a segunda se relaciona com a construção de objeto nulo e não permite clivar os constituintes superiores ao VP.

(71) [IP ser [SC [CP [o que /OP que] o João comeu] [DP o bolo]]]. (Costa & Duarte, 2001)

(72) [IP ser/ é que [SC [CP OP o João comeu] [DP o bolo]]]. (Costa & Duarte, 2001)

No artigo de Costa & Duarte (2001), os autores, ao analisar a forma como as diferentes estratégias de clivagem foram obtidas, verificaram que diferentes constituintes preencheram diferentes posições funcionais, e o verbo *ser* apresenta diferentes padrões de concordância. A tabela seguinte foi organizada com base na descrição feita pelos autores.

	SER flexiona em tempo	SER flexiona em pessoa	SER flexiona em <b>número</b>
Clivadas <i>é que</i>	-	-	-
Pseudoclivadas invertidas	+	+	+ S
			+ CD
<b>Pseudoclivadas básicas</b>	+	+	+ S
			+ CD
Semi-Pseudoclivadas	+	-	-

Tabela 3. Flexão do verbo *ser* em estruturas clivadas (adaptadas de Costa & Duarte, 2001)

Em Lobo (2006), discute-se as assimetrias em concordância do verbo nas orações clivadas, restrições à clivagem de diferentes categorias entre clivadas canônicas e clivadas com forma-Q. A autora assume que não há uniformidade nas estruturas clivadas, podendo existir o movimento do constituinte clivado na oração ou a sua geração na base: respetivamente às clivadas canônicas, a autora propôs que o constituinte clivado é o argumento ou adjunto original da oração clivada introduzida por *que* e que, nesta construção de focalização, este elemento é deslocado da frase básica (com a ordem SVO) para a periferia esquerda. Nesse caso, as clivadas canônicas envolvem o movimento de um constituinte oriundo da frase subordinada. A concordância do verbo *ser* é realizada através de *matching* de traço por *Agree* do constituinte clivado em Spec de C com *pro* em Spec de I.

As análises das estruturas clivadas têm sido principalmente realizadas numa perspetiva funcionalista ou generativista. Nos casos das análises dos autores que referimos, colocam-se várias hipóteses sobre a estrutura sintática mais adequada para dar conta das diferentes estruturas clivadas (que núcleos funcionais são projetados, que movimentos existem, que relação sintática se estabelece entre os constituintes, entre outros aspetos).

Apesar dos vários estudos existentes sobre estruturas clivadas, poucos autores se debruçaram especificamente sobre a concordância do verbo *ser* em construções clivadas.

A maioria dos artigos apenas menciona o padrão da concordância do verbo *ser* a propósito da análise das propriedades linguísticas globais da estrutura. Neste trabalho, pretende-se fazer um estudo focado na concordância do verbo *ser* em estruturas clivadas canônicas e pseudoclivadas básicas, tendo como base as referências gramaticais (cf. Martins & Lobo, 2020) e as propostas de análise (cf. Costa & Duarte, 2001; Lobo, 2006).

De seguida, fazemos uma síntese das referências enunciadas acerca da concordância do verbo *ser* em estruturas clivadas canônicas e pseudoclivadas básicas:

- (i) Martins & Lobo (2020) consideram que, nas estruturas clivadas canônicas, o verbo *ser* concorda obrigatoriamente com o constituinte clivado em número e pessoa, se o constituinte for o sujeito, ao passo que, quando o constituinte clivado é o complemento direto, a concordância do verbo *ser* é apenas aceite por alguns falantes.
- (ii) Martins & Lobo (2020) consideram que, nas pseudoclivadas básicas, o verbo *ser* concorda obrigatoriamente com o constituinte clivado que é sujeito da oração clivada e pode concordar ou não com o elemento focalizado que é complemento direto da oração clivada.
- (iii) Costa & Duarte (2001) não apontam a concordância do verbo *ser* nas clivadas canônicas, porém, afirmam que, nas pseudoclivadas básicas, o verbo *ser* concorda sempre com o constituinte clivado.

### 3. Questões de investigação

Este trabalho, com base na discussão da concordância do verbo *ser* nas estruturas clivadas de Martins & Lobo (2020), destina-se a observar se existe um padrão de concordância do verbo *ser* em estruturas clivadas canónicas e pseudoclivadas básicas entre os falantes nativos de PE. Procura-se dar resposta às questões seguintes:

Q1: Há um padrão preferencial na concordância do verbo *ser* em estruturas clivadas canónicas e em estruturas pseudoclivadas básicas? O verbo *ser* concorda sempre ou não?

Martins & Lobo (2020) registaram que, em clivadas canónicas e em pseudoclivadas básicas, o verbo *ser* concorda, independentemente do tipo de constituinte clivado. No presente estudo, pretendemos verificar se os participantes também preferem o padrão de concordância registado pelas autoras ou se manifestam outro padrão de concordância.

Q2: Há variação da concordância do verbo *ser* dependendo da função sintática do constituinte clivado?

No capítulo 2.4.2, já referimos que Martins & Lobo (2020) analisam a concordância do verbo *ser* nas estruturas clivadas em casos em que o constituinte clivado tem função sintática de sujeito e de complemento direto. O verbo *ser* apresenta diferentes padrões de concordância em diferentes casos, nomeadamente, o verbo *ser* concorda obrigatoriamente com o constituinte clivado quando tem a função sintática de sujeito, e não prefere a concordância com o constituinte clivado se assumir a função sintática de complemento direto. Neste trabalho, dedicamo-nos a observar se os participantes também demonstram essa tendência de concordância ou se apresentam outros padrões de variação.

Q3: Há variação entre as estruturas clivadas canónicas e as pseudoclivadas básicas na concordância do verbo *ser*?

No capítulo 2.4.2, mostramos que vários autores consideram que existem diferenças de propriedades sintáticas entre os vários tipos de estruturas clivadas, tais como a

clivagem de constituinte, a possibilidade de negação e a concordância do verbo *ser*, entre outros. Aqui, procuramos averiguar se ocorre um padrão diferente de concordância do verbo *ser* nas clivadas canônicas e nas pseudoclivadas básicas.

## 4. Metodologia

Para responder às questões acima formuladas, optou-se por desenvolver um questionário através do aplicativo *Google Forms*. Neste capítulo, apresenta-se o questionário (secção 4.1) dividido em duas partes: o perfil linguístico dos participantes e uma tarefa de juízos de aceitabilidade; os participantes do questionário (secção 4.2); e a anotação dos resultados (secção 4.3).

### 4.1 Teste experimental

A elaboração do questionário contém duas partes. A primeira parte é o perfil linguístico dos participantes, com o objetivo de caracterizar os participantes. Esta parte engloba questões relacionadas com a língua nativa, a idade, a habilitação literária, a experiência de aprendizagem de outras línguas e o tempo de residência em Portugal.

A segunda parte do questionário diz respeito à tarefa de juízos de aceitabilidade, incluindo as seguintes considerações a ter em conta.

A primeira etapa para a construção da tarefa foi a seleção do tipo de estruturas clivadas. Mencionámos, previamente, que o português dispõe de seis tipos de estruturas clivadas. Neste trabalho, optou-se por considerar estruturas clivadas canónicas e pseudoclivadas básicas como objeto de estudo, nas quais observamos que alguns falantes do PE não seguem as regras da concordância com o verbo *ser* descritas em Martins & Lobo (2020).

A segunda etapa foi considerar a função sintática do constituinte clivado, quer dizer, qual é a posição e a função sintática do constituinte clivado na oração clivada. Veja-se os seguintes exemplos:

- (73) Foi a Ana que (~~a Ana~~) comeu o pastel de nata.
- (74) Foi o pastel de nata que a Ana comeu (~~o pastel de nata~~).
- (75) Foi ontem que a Ana comeu o pastel de nata (~~ontem~~).
- (76) Foi com a Maria que a Ana partilhou o pastel de nata (~~com a Maria~~).

Os constituintes sublinhados assumem a função de sujeito (cf. 73), complemento direto (cf. 74) modificador adverbial (cf. 75) e modificador preposicional (cf. 76) na oração introduzida por *que*. Neste questionário, há apenas dois tipos de constituintes clivados, que são o sujeito e o complemento direto. Visto que Martins & Lobo (2020) defendem que há diferentes padrões de concordância em número do verbo *ser* entre casos de clivagem de sujeito e de complemento direto, pretendemos aqui analisar se, nas duas estruturas que escolhemos, os participantes mostram os mesmos padrões de concordância.

A terceira etapa foi controlar a concordância com o verbo *ser*. Normalmente, considera-se a concordância de pessoa e número, porém, na presente tarefa experimental não se considerou a concordância de pessoa como variável, pelo que o verbo *ser* se encontra sempre na terceira pessoa e, assim, não se envolvem cenários de primeira e segunda pessoas. De forma a evitar a influência de outras variáveis, os verbos das frases testadas encontram-se todos conjugados no pretérito perfeito simples (P.P.S.). Deste modo, o que é preciso verificar é se o verbo *ser* concorda em número com o constituinte clivado ou se permanece no singular, mesmo quando os constituintes clivados são DP no plural.

A quarta etapa a ter em conta é a estrutura da frase. Devido à consideração anterior sobre a clivagem de sujeitos e de complementos diretos, escolheram-se como verbos nas frases de teste verbos transitivos (como *comprar, entregar, reservar, pagar, trazer, marcar, escolher, desmarcar*). E os DP no plural selecionados como sujeito e complemento direto são constituídos por um nome como núcleo e um modificador restritivo do nome (*projeto de trabalho, contas da luz, reuniões de trabalho, croissant de chocolate*, entre outros). A diferença é que, nos cenários de clivagem de sujeito, o sujeito e o complemento direto são ambos nomes restringidos por um complemento ou modificador preposicionado (como *foram as primas da Sofia que escolheram os vestidos de seda*) enquanto, nos cenários de clivagem de complemento direto, só o constituinte clivado é que contém um nome com um complemento preposicionado (como *foi os doces de ovos que o João comprou*).

A última etapa a ser considerada é o contexto linguístico das frases de teste. No capítulo 2.4.1, mencionámos que o constituinte clivado é o foco, é uma informação nova,

que pode ser contrastivo ou não contrastivo. No questionário, para que os participantes compreendam melhor as frases testadas, foram-lhes dados oito contextos e, com base nesses contextos, todas as frases testadas têm um foco contrastivo. É-lhes solicitado que classifiquem a aceitabilidade de cada frase, de acordo com uma escala de *Likert* de 1 a 5, em que o valor mais próximo de 5 é mais aceitável e o valor mais próximo de 1 é mais inaceitável, como ilustrado nos exemplos seguintes:

(77) Nas clivadas canónicas

a. Clivagem de sujeito

C1: O João comprou os frascos de compota?

T1: Não, foi as filhas do João que compraram os frascos de compota.

[1;2;3;4;5]

b. Clivagem de complemento direto

C2: O Carlos pagou as contas da água?

T2: Não, foi as contas da luz que o Carlos pagou.

[1;2;3;4;5]

(78) Nas pseudoclivadas básicas

a. Clivagem de sujeito

C3: O Miguel marcou as consultas de urologia?

T3: Não, quem marcou as consultas de urologia foram os pais do Miguel.

[1;2;3;4;5]

b. Clivagem de complemento direto

C4: A Joana entregou os relatórios do projeto?

T4: Não, o que a Joana entregou foi os relatórios de estágio.

[1;2;3;4;5]

Opções: 1. Completamente inaceitável; 5. Completamente aceitável

De acordo com as indicações acima consideradas, as frases testadas dividem-se em quatro condições: 1) clivagem de sujeito nas estruturas canónicas; 2) clivagem de complemento direto nas estruturas canónicas; 3) clivagem de sujeito nas estruturas pseudoclivadas básicas; e 4) clivagem de complemento direto nas estruturas pseudoclivadas básicas. Em cada condição, há quatro frases em que o verbo *ser* está na terceira pessoa do singular, e outras quatro frases em que o verbo *ser* está na terceira pessoa do plural, e os constituintes clivados são todos sintagmas nominais no plural, como se pode consultar na tabela 4.

		A concordância do verbo <b>SER</b>	
		3ª do singular	3ª do plural
Clivadas canónicas	clivagem de S	4	4
	clivagem de CD	4	4
Pseudoclivadas básicas	clivagem de S	4	4
	clivagem de CD	4	4

Tabela 4. Número de condições de frases de teste em cada grupo

Os oito contextos em cada condição são todos iguais, ou seja, as oito frases de teste em cada condição são respostas a esses oito contextos. Estes oito contextos encontram-se na tabela 5.

C1: O João comprou os frascos de compota?
C2: A Marta reservou os bilhetes de avião?
C3: A Joana entregou os relatórios do projeto?
C4: O Carlos pagou as contas da água?
C5: A Sofia escolheu os vestidos de seda?
C6: O Pedro desmarcou as reuniões de trabalho?
C7: O Miguel marcou as consultas de urologia?
C8: A Maria trouxe os croissants de chocolate?

Tabela 5. Representação de oito contextos para frases de teste

Assim, o questionário é constituído por 32 frases de teste (Anexo 2) e pelo mesmo número de distratores (Anexo 3), sendo que os seis contextos de distratores são os mesmos que os das frases de teste e outros dois semelhantes aos contextos de teste. As

estruturas de distratores incluem: 1) estrutura pseudoclivada invertida (cf. D4); 2) estrutura clivada canónica com o constituinte clivado em 3ª pessoa singular (cf. D1, D2); 3) pseudoclivada básica com o constituinte clivado em 3ª pessoa singular (cf. D3). E em cada contexto dos distratores há duas frases que são agramaticais e as outras duas que são gramaticais.

(79) C4: O Carlos pagou as contas da água?

D1: Não, foi a conta da luz que o Carlos pagou.

D2: \*Não, foi os irmãos do Carlos que pagou as contas da água.

D3: Não, quem pagou as contas da água foi a Catarina.

D4: \*Não, as contas da luz foi que o Carlos pagou.

Antes de distribuir o questionário pelos participantes, foi realizado um teste-piloto por três pessoas. Solicitámos que estes primeiros participantes respondessem a duas questões principais relacionadas com a tarefa de juízos de aceitabilidade: se pensavam se seria melhor que as questões tivessem contexto ou não; e se a escala de *Likert* seria melhor do que a escolha forçada (dar duas opções de frases, o verbo *ser* respetivamente na 3ª pessoa do singular e do plural, e escolher uma destas duas frases como a mais aceitável). Concluiu-se que a escala de *Likert* seria mais adequada e, por isso, usou-se essa tarefa na versão final do teste.

## 4.2 Participantes

Foi recebido um total de 37 respostas. No entanto, devido à grande variedade de idades, residência em Portugal e habilidade literária dos participantes individuais, a amostra de dados analisados para este trabalho foi de 31 participantes, tendo sido os restantes excluídos.

A faixa etária destes 31 participantes é de 20-48 anos, sendo 23 do sexo feminino e oito do sexo masculino.



Gráfico 1. Proporção do sexo dos participantes

Os participantes possuem um diploma de licenciatura ou de mestrado, tendo recebido formação de ensino superior, em que 20 dos participantes têm diploma de licenciatura e 11 têm diploma de mestrado, com especializações em ciências humanas, gestão e educação. Falam uma ou mais línguas estrangeiras para além da língua materna, o PE. Três dos participantes viveram fora do país num período máximo de três anos, enquanto os restantes viveram sempre em Portugal.

Habitação literária		Capacidade de língua		Vivência em Portugal	
Licenciatura	20	Bilingues	4	Sempre em Portugal	28
Mestrado	11	Fala 3 ou mais línguas	27	Fora de Portugal menos de 3 anos	3

Tabela 6. Perfil dos participantes

### **4.3 Anotação de resultados**

As respostas ao questionário foram descarregadas a partir do *Google Forms* para uma folha de cálculo do programa Microsoft *Excel* e o principal método de análise dos dados foi a análise descritiva. Relativamente às respostas dadas pelos participantes, só se consideraram duas dimensões de avaliação: aceitável ou inaceitável. Com o uso da escala *Likert*, codificámos as repostas da seguinte forma: 1= completamente inaceitável, 5= completamente aceitável. Na análise atual, não incluímos as respostas da escolha 3, uma vez que a escolha 3 significa uma atitude neutra. Em vez disso, classificámos as escolhas 1 e 2 como inaceitáveis e as escolhas 4 e 5 como aceitáveis.

## 5. Resultados

### 5.1 Resultados globais

Em primeiro lugar, iremos ver os sumários da média e mediana obtidos das respostas dos participantes.

		Estruturas clivadas canónicas		
		Média	Mediana	Desvio Padrão
Clivagem de sujeito	SER no singular	1,97	2	1,11
	SER no plural	4,89	5	0,16
Clivagem de CD	SER no singular	2,78	3	1,81
	SER no plural	3,97	4	1,61
		Estruturas pseudoclivadas básicas		
		Média	Mediana	Desvio Padrão
Clivagem de sujeito	SER no singular	2,02	2	0,75
	SER no plural	4,85	5	0,26
Clivagem de CD	SER no singular	3,1	3	1,65
	SER no plural	4,69	5	0,5

Tabela 7. Quadro de valores médios obtidos na tarefa de juízos de aceitabilidade

Podemos observar, a partir dos dados da Tabela 7, que os participantes mostram um elevado grau de aceitabilidade da concordância do verbo *ser* com o constituinte da clivagem nominal, quer nas estruturas clivadas canónicas, quer nas estruturas pseudoclivadas básicas, independentemente de a função sintática do constituinte da clivagem ser sujeito ou complemento direto, desde que o constituinte da clivagem seja um DP plural.

De seguida, a distribuição específica dos dados em ambas as estruturas são cuidadosamente analisadas.

## 5.2 Resultados em estruturas clivadas canônicas

Vejam os primeiros resultados estatísticos de resposta para esta estrutura relativamente à distribuição das escolhas de resposta. Em geral, mais respostas escolheram o verbo *ser* na terceira pessoa do plural do que na terceira pessoa do singular.

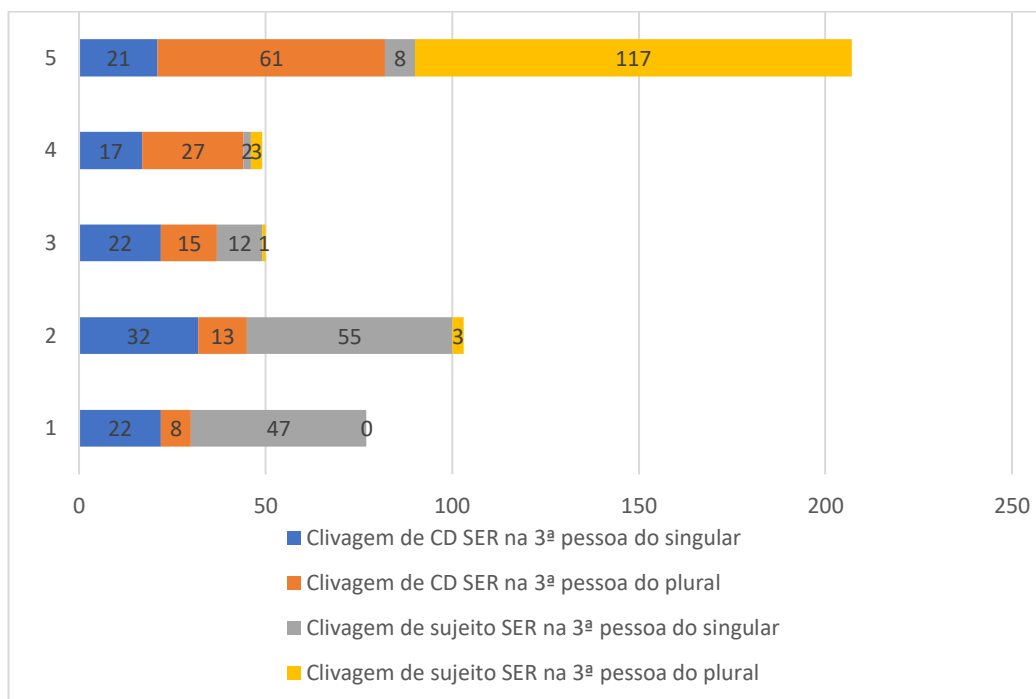


Gráfico 2. Distribuição de escolha das respostas obtidas em estruturas canônicas

Vejam os números de respostas 1 e 2 e 4 e 5 dos participantes para as frases testadas em estruturas canônicas.

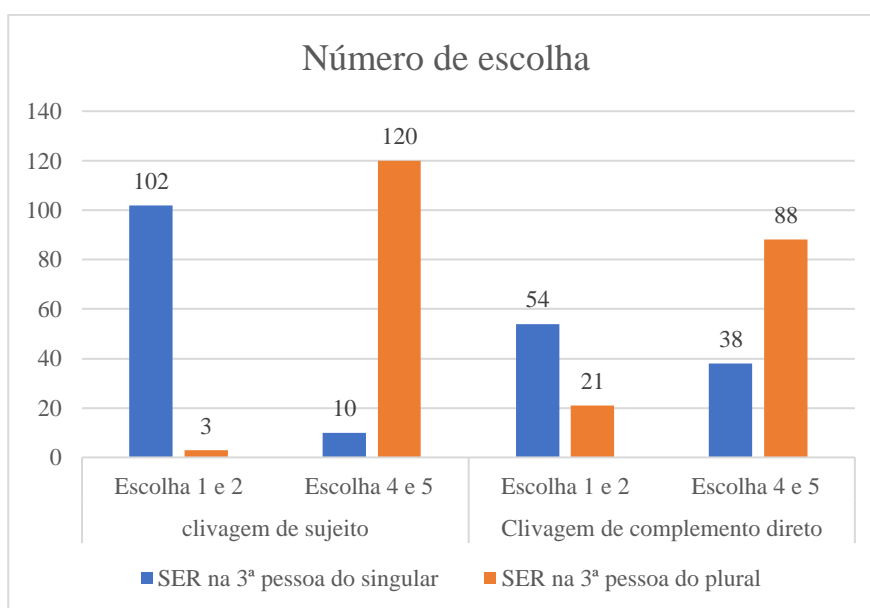


Gráfico 3. Número de respostas de escolha 1 e 2 e de escolha 4 e 5 em estruturas canônicas

Nas condições de clivagem de sujeito, 102 respostas escolheram 1 ou 2, dez respostas escolheram 4 ou 5, num total de 124 respostas para quatro frases testadas em que o verbo *ser* está na terceira pessoa do singular (Condição 1.1). No entanto, 120 respostas escolheram 4 ou 5, três respostas escolheram 1 ou 2 para as frases testadas em que o verbo *ser* está na terceira pessoa do plural (Condição 1.2). E nas Condições 1.1 e 1.2, respetivamente, as respostas que escolheram 1 e 2, e as que escolheram 4 e 5 são notoriamente preferidas, em termos de valores.

Relativamente às condições de clivagem de complemento direto, a diferença entre valores não é tão notória, mas ainda podemos ver que as escolhas se inclinam para um extremo ou outro. Essa inclinação foi obviamente apresentada nas frases testadas em que o verbo *ser* está na terceira pessoa do plural (Condição 2.2), com 21 respostas que escolheram 1 e 2 contra 88 respostas que escolheram 4 e 5, ao passo que é mais equilibrado nas frases em que o verbo *ser* está na terceira pessoa do singular (Condição 2.1) com 54 respostas que escolheram 1 e 2 contra 38 respostas que escolheram 4 e 5.

Com base nisto, podemos ver a atitude dos participantes em relação a estas frases, como ilustrado na Tabela 8. Em relação à Condição 1.1, observa-se que os participantes consideraram a maioria destas frases inaceitáveis, com 82,27% de respostas que a consideraram inaceitável e apenas 8,06% de aceitação. Em contraste, na Condição 1.2, uma percentagem muito maior de respostas considerou estas frases aceitáveis, 96,77%, e apenas 2,42% as considerou inaceitáveis.

Na Condição 2.1, podemos ver que 43,55% das respostas a consideraram inaceitável, enquanto 30,65% a consideraram aceitável. Nesta condição, os participantes aparentavam estar mais divididos. E na Condição 2.2, podemos ver novamente que 70,97% das respostas a consideraram aceitável e 16% a consideraram inaceitável, e aqui a tendência é ainda mais acentuada.

Clivagem de sujeito do plural			
SER em 3ª pessoa do singular		SER em 3ª pessoa do plural	
Inaceitável (1 e 2)	82,27% (102/124)	Inaceitável (1 e 2)	2,42% (3/124)
Aceitável (4 e 5)	8,06% (10/124)	Aceitável (4 e 5)	96,77% (120/124)

Clivagem de complemento direto do plural			
SER em 3ª pessoa do singular		SER em 3ª pessoa do plural	
Inaceitável (1 e 2)	43,55% (54/124)	Inaceitável (1 e 2)	16,94% (21/124)
Aceitável (4 e 5)	30,65% (38/124)	Aceitável (4 e 5)	70,97% (88/124)

Tabela 8. Quadro de aceitabilidade de concordância do verbo *ser* em estruturas canônicas

Em síntese, os falantes testados apresentam um elevado grau de aceitabilidade da concordância do verbo *ser* com o constituinte clivado quando ele assume tanto a função de sujeito, como a função de complemento direto. Porém, no segundo caso, existe uma parte dos falantes que considera o verbo *ser* na 3ª pessoa do singular aceitável.

### 5.3 Resultados em estruturas pseudoclivadas básicas

Nesta secção, vamos considerar as respostas em estruturas pseudoclivadas básicas. É também evidente que os falantes escolheram mais frequentemente o verbo *ser* na terceira pessoa do plural, independentemente de o constituinte clivado ser um sujeito ou um complemento direto.

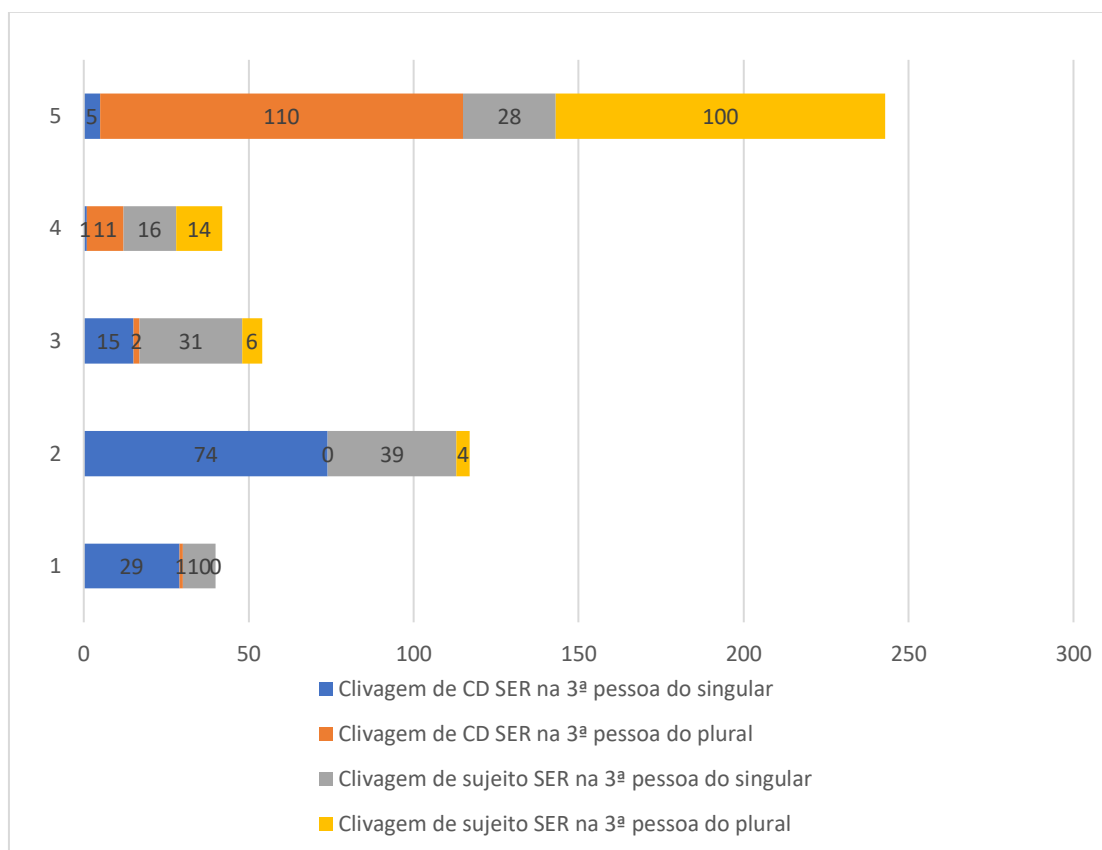


Gráfico 4. Distribuição de escolha das respostas obtidas em pseudoclivadas básicas

De seguida, vamos analisar os dados das escolhas 1 e 2 e das escolhas 4 e 5.

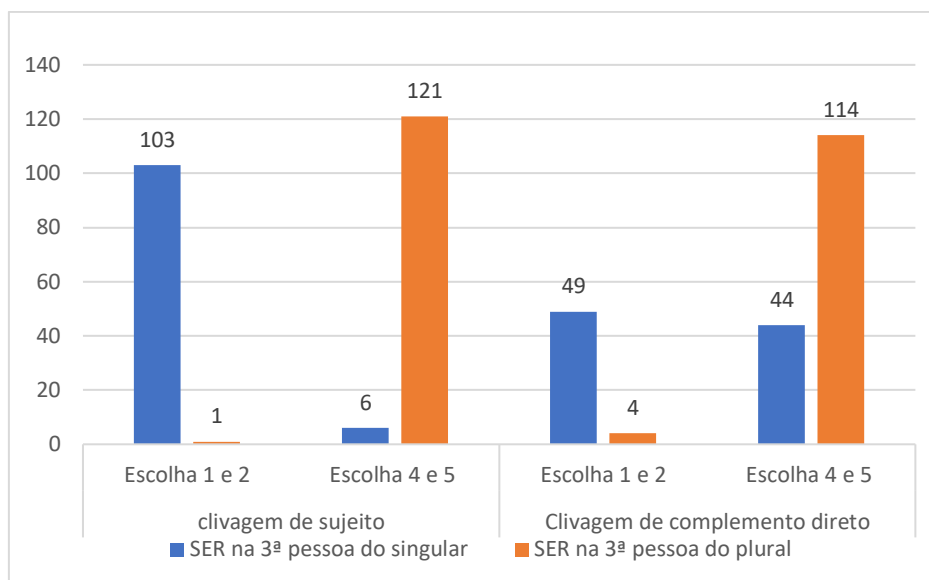


Gráfico 5. Número de respostas de escolha 1 e 2 e de escolha 4 e 5 em pseudoclivadas básicas

Quando o constituinte clivado é o sujeito, com o verbo *ser* na terceira pessoa do singular (Condição 3.1), 103 respostas escolheram 1 ou 2, enquanto apenas seis respostas escolheram 4 ou 5. Com o verbo *ser* na terceira pessoa do plural, 121 respostas escolheram 4 ou 5, e uma resposta escolheu 1 ou 2 (Condição 3.2). Tanto na Condição 3.1 como na Condição 3.2, as respostas dos participantes centraram-se mais num extremo, na escolha 1 ou 2, e na escolha 4 ou 5.

Quando o constituinte clivado é o complemento direto, 49 respostas escolheram 1 ou 2, e 44 escolheram 4 ou 5 quando o verbo *ser* estava na terceira pessoa do singular (Condição 4.1). Os números são muito próximos uns dos outros. Quando o verbo *ser* está na terceira pessoa do plural (Condição 4.2), quatro respostas escolheram 1 ou 2, e 114 respostas escolheram 4 ou 5. Na Condição 4.2, os participantes estavam mais inclinados a escolher a opção no extremo 5, mostrando mais visivelmente o consenso dos participantes. No entanto, na Condição 4.1, os números das respostas dos participantes em relação aos dois extremos são quase iguais e não se inclinam para nenhum dos extremos. Esta situação é semelhante às respostas dos participantes nas estruturas clivadas canónicas, mas, nas pseudoclivadas básicas, a diferença entre os números de respostas que se dirigiam para os dois extremos é menor.

Do mesmo modo, na tabela 9, também podemos ver a atitude dos participantes. Relativamente à Condição 3.1, 83,06% (103 de 124 casos) das respostas considerou-a inaceitável; apenas 4,83% (6 de 124 casos) a considerou aceitável. Na Condição 3.1, apenas 0,81% (1 de 124 casos) a considerou inaceitável; a grande maioria, 97,58% (121 de 124 casos), considerou-a aceitável.

Quanto à Condição 4.1, cerca de 39,52% (49 de 124 casos) considerou-a inaceitável; 35,48% (44 de 124 casos) considerou-a aceitável. E na Condição 4.2, apenas 3,23% (4 de 124 casos) a considerou inaceitável; uma elevada percentagem, 91,94% (114 de 124 casos), considerou-a aceitável.

Clivagem de sujeito plural			
SER em 3ª pessoa do singular		SER em 3ª pessoa do plural	
Inaceitável (1 e 2)	83,06% (103/124)	Inaceitável (1 e 2)	0,81% (1/124)
Aceitável (4 e 5)	4,83% (6/124)	Aceitável (4 e 5)	97,58% (121/124)

Clivagem de complemento direto plural			
SER em 3ª pessoa do singular		SER em 3ª pessoa do plural	
Inaceitável (1 e 2)	39,52% (49/124)	Inaceitável (1 e 2)	3,23% (4/124)
Aceitável (4 e 5)	35,48% (44/124)	Aceitável (4 e 5)	91,94% (114/124)

Tabela 9. Quadro de aceitabilidade da concordância do verbo *ser* em estruturas pseudoclivadas básicas

Em resumo, no que diz respeito às pseudoclivadas básicas, os falantes nativos de PE aceitam a concordância do verbo *ser* em número e pessoa com o constituinte clivado se este for sujeito. Também aceitam a concordância do verbo *ser* com o constituinte clivado se for complemento direto, porém, ainda existe uma parte dos falantes que aceitam a não-concordância em número.

#### 5.4 Análise dos resultados individuais dos participantes

Nesta secção, analisamos as respostas de cada participante (ver anexo 1). Vamos observar se as suas respostas mostram consistência, se consideram que o verbo *ser* deve concordar com o constituinte clivado plural, e se todas as suas escolhas parecem seguir esse padrão.

Em primeiro lugar, nas estruturas clivadas canónicas, os 30 participantes aceitam a concordância do verbo *ser* com o constituinte clivado quando este assume a função de sujeito. Todavia, quando o constituinte clivado assume a função de complemento direto, mostram padrões mais complexos, com sete tipos de padrões de aceitabilidade:

- A. não aceita o verbo *ser* na terceira pessoa do singular e aceita-o na terceira pessoa do plural (13 participantes);
- B. aceita o verbo *ser* na terceira pessoa do singular e aceita-o na terceira pessoa do plural (três participantes);
- C. não aceita o verbo *ser* na terceira pessoa do singular, nem o aceita na terceira pessoa do plural (três participantes);
- D. não é capaz de decidir se aceita ou não o verbo *ser* na terceira pessoa do singular, mas aceita-o na terceira pessoa do plural (seis participantes);
- E. não é capaz de decidir se aceita ou não o verbo *ser* na terceira pessoa do singular nem do plural (três participantes);
- F. aceita o verbo *ser* na terceira pessoa do singular, mas não é capaz de decidir se o aceita ou não na terceira pessoa do plural (dois participantes);
- G. não aceita o verbo *ser* na terceira pessoa do singular, mas não é capaz de decidir se o aceita ou não na terceira pessoa do plural (um participante).

Nas pseudoclivadas básicas, entre os 31 participantes, 29 aceitam a concordância do verbo *ser* quando o constituinte clivado é sujeito e não aceitam a não-concordância do verbo. No entanto, no caso da clivagem do complemento direto, são apresentados diferentes padrões de aceitabilidade:

- A. não aceita o verbo *ser* na terceira pessoa do singular e aceita-o na terceira pessoa do plural (nove participantes);
- B. aceita o verbo *ser* na terceira pessoa do singular e aceita-o na terceira pessoa do plural (nove participantes);
- C. não aceita o verbo *ser* na terceira pessoa do singular, nem o aceita na terceira pessoa do plural (um participante);
- D. não é capaz de decidir se aceita ou não o verbo *ser* na terceira pessoa do singular, mas aceita-o na terceira pessoa do plural (11 participantes);
- E. não é capaz de decidir se aceita ou não o verbo *ser* na terceira pessoa do singular nem do plural (um participante);
- F. aceita o verbo *ser* na terceira pessoa do singular, mas não o aceita na terceira pessoa do plural (um participante).

A partir dos resultados individuais acima, podemos ver que estes participantes não seguiram o padrão de que o verbo *ser* mantém sempre a concordância verbal, embora possamos certamente identificar uma preferência por aceitar a concordância verbal quando o constituinte clivado é o sujeito. Já quando o constituinte clivado é um complemento direto, os participantes têm uma atitude menos clara quanto à aceitabilidade da não-concordância, mas a maioria aceita tendencialmente a concordância verbal.

## 6. Discussão e conclusões finais

Retomamos as questões de investigação do trabalho apresentadas no capítulo 3, e damos respostas com base nos resultados obtidos.

Q1: Há um padrão preferencial na concordância do verbo *ser* em estruturas clivadas canônicas e em estruturas pseudoclivadas básicas? O verbo *ser* concorda sempre ou não?

A partir dos resultados obtidos no capítulo anterior, é evidente que o verbo *ser* concorda tanto nas estruturas clivadas canônicas como nas pseudoclivadas básicas. É também mais aceitável que o verbo *ser* esteja no plural se o constituinte clivado tiver traços de número plural. No entanto, apesar de os participantes terem mostrado o padrão tendencial em que o verbo *ser* concorda com o constituinte clivado, também há oscilações entre a concordância e a não-concordância nos casos em que se testa a diferente função sintática do constituinte clivado, entre sujeito e complemento direto.

Q2: Há variação da concordância do verbo *ser* dependendo da função sintática do constituinte clivado?

De acordo com os resultados das nossas análises, a variação da concordância do verbo *ser* não está altamente correlacionada com a função sintática do constituinte clivado, mas está relacionada em certa medida. Quando o constituinte clivado assume a função de sujeito, mais de 95% das respostas consideraram a concordância do verbo *ser* na terceira pessoa do plural mais aceitável nas frases de teste, e mais de 80% das respostas consideraram inaceitáveis as frases de teste na terceira pessoa do singular. Quando o constituinte clivado é um complemento direto, 70% das respostas consideraram mais aceitáveis as frases de teste na terceira pessoa do plural. E 30% das respostas consideraram aceitáveis as frases de teste com o verbo *ser* na terceira pessoa do singular, enquanto 40% as consideraram inaceitáveis. Isto significa que, para a maioria dos falantes nativos, são mais aceitáveis as frases em que o verbo *ser* concorda com o constituinte clivado, independentemente de ser sujeito ou complemento direto, mas um terço dos

falantes nativos avaliados no questionário também é capaz de aceitar que o verbo *ser* não concorda quando o constituinte clivado é um complemento direto.

Estes resultados são diferentes do padrão referido por Martins & Lobo (2020), pois as autoras consideram que, nas clivadas canônicas, o verbo *ser* tende a não concordar com o constituinte clivado se este for complemento direto, e consideram marginais as frases com concordância.

Q3: Há variação entre as estruturas clivadas canônicas e as pseudoclivadas básicas na concordância do verbo *ser*?

Em conformidade com os nossos resultados, os falantes nativos não têm atitudes muito diferentes em relação à concordância do verbo *ser* nas diferentes estruturas de clivagem. Os participantes são mais propensos a aceitar frases em que o verbo *ser* concorda com o constituinte clivado, tanto nas estruturas clivadas canônicas como nas estruturas pseudoclivadas básicas, e quando o constituinte clivado é um complemento direto, os resultados são muito semelhantes para ambas as estruturas, com um terço das respostas a indicar que é aceitável que o verbo *ser* não concorde com o constituinte clivado, mas mais de 70% das respostas a indicar que aceitam mais que o verbo *ser* concorde com o constituinte clivado.

Aliás, no caso de o constituinte clivado ser complemento direto, as respostas mostram uma diferença sutil entre as duas estruturas clivadas. Nas estruturas clivadas canônicas, houve mais participantes que não aceitaram a não-concordância do verbo *ser*. Mas os valores entre aceitar e não aceitar a não-concordância nas pseudoclivadas básicas não diferem muito entre si. Para além disso, nas clivadas canônicas, há certas respostas que não aceitam a concordância do verbo *ser* na terceira pessoa do plural, mas há poucas respostas que não a aceitam nas pseudoclivadas básicas. Por fim, mais participantes preferem a concordância do verbo *ser* nas pseudoclivadas básicas do que nas clivadas canônicas.

Em resumo, os participantes preferem que o verbo *ser* concorde com o constituinte focalizado se for um DP plural quando confrontados com as estruturas clivadas canônicas e as estruturas pseudoclivadas básicas. Por outro lado, também notámos que, em ambas

as estruturas, quando a função sintática assumida pelo DP é de complemento direto, as respostas dos participantes para as frases em que o verbo *ser* não mantém a concordância verbal parecem ser mais flutuantes. Porém, quando a posição sintática assumida pelo foco é o sujeito, verificámos que os participantes mostram mais estabilidade nas suas respostas, aceitando mais a concordância e não aceitando a não-concordância. Isto também significa que, embora os participantes mostrem um elevado grau de aceitabilidade da concordância do verbo *ser*, a função sintática é um fator que influencia os seus juízos.

Em seguida, vamos discutir algumas propriedades sintáticas das estruturas clivadas em que os participantes aceitam mais a concordância do verbo *ser*. Aqui, retomamos Lobo (2006). A autora, na sua proposta, considera que, nas clivadas canónicas, existe um movimento do constituinte clivado (da oração introduzida por *que*) para Espec de CP encaixado, que tem traços de foco, obtendo o esquema seguinte:

(80) [...[IP *pro* [I'fui<sub>i</sub> [VP [V' t<sub>i</sub> [CP eu<sub>j</sub> [C' que [IP t<sub>j</sub> faltei à aula]]]]]]]]]

(Lobo, 2006, p. 464)

Perante a concordância do verbo *ser*, a autora descreve:

“A concordância entre *ser* e o constituinte clivado far-se-á por ‘matching’ de traços (*Agree*) entre *pro* em Espec de I e constituinte clivado em Espec de C. A relação de *Agree* estabelece-se apenas quando o constituinte clivado é um DP, e preferencialmente quando este tem traços compatíveis com *pro*, i.e. quando é nominativo. A concordância é obrigatória quando o DP é morfologicamente marcado quanto a Caso (i.e. quando é um pronome).”

(Lobo, 2006, p. 464)

O verbo *ser* concorda com o constituinte clivado quando este tem a função sintática de sujeito (cf. 81) ou é um pronome (cf. 82). Contudo, se for clivado o complemento direto ou uma adjunção adverbial, presumivelmente não há concordância (cf. 83, 84).

(81) a. ??Foi estes alunos que faltaram à aula.

b. Foram estes alunos que faltaram à aula.

(82) a. \*Foi eu que faltei à aula.

b. Fui eu que faltei à aula.

- (83) a. Foi a estes alunos que eu entreguei os testes.  
b. \*Foram a estes alunos que eu entreguei os testes.
- (84) a. Foi estes livros que o Rui comprou.  
b.? Foram estes livros que o Rui comprou.

(exemplos de Lobo, 2006, p. 464)

Aliás, consoante as respostas dos participantes, o verbo *ser* concorda tendencialmente com o constituinte clivado quando este é um DP, independentemente da função sintática. Isso não corresponde à proposta de Lobo (2006). Por outras palavras, a partir dos nossos resultados, o verbo *ser* estabelece preferencialmente a relação de *Agree* com o constituinte clivado quando é um DP:

- (85) a. Foram as crianças que partiram os copos.  
b. Foram os copos que as crianças partiram.

Na frase (85a), o verbo *ser* manifesta concordância com o constituinte clivado, *as crianças*, que é sujeito da frase clivada, e em (85b) concorda com *os copos*, que é complemento direto da frase clivada. Aqui, o verbo *ser* prefere concordar com o DP pós-verbal em vez de concordar com o sujeito expletivo na terceira pessoa do singular. Tal como defendem Cardoso, Carrilho & Pereira (2011), nestas construções os falantes parecem preferir um expletivo puro, como *there* do inglês (cf. 86), que não concorda com o verbo em vez de um expletivo como o *il* do francês (cf. 87), que concorda com o verbo:

- (86) a. There come<sub>pl</sub> [many people]<sub>pl</sub>  
b. \*There comes many people.
- (87) a. [Il]<sub>sg</sub> [est]<sub>sg</sub> arrivé [beaucoup de personnes]<sub>pl</sub>.  
b. \*Il sont arrivées beaucoup de personnes

Também no francês, há variação na concordância do verbo *ser* em estruturas clivadas com sujeitos expletivos de tipo demonstrativo:

- (88) a. C'est eux qui font du bruit.  
Isso é eles que fazem PART barulho

b. Ce sont eux qui font du bruit

Isso são eles que fazem PART barulho

Em relação às pseudoclivadas básicas, Costa & Duarte (2001) consideram que *ser* seleciona uma oração pequena (SC) constituída por um CP de tipo relativo e um DP (cf. 86), e a oração relativa é elevada para a posição de [Spec, IP], “obtem-se uma pseudoclivada básica com o foco informacional no DP, predizendo-se que haja concordância obrigatória entre o DP pós-verbal e o verbo” (Costa & Duarte, 2001, p. 631). Os autores defendem que o verbo *ser* deve concordar com o DP (cf. 89).

(89) [IP ser [SC [CP [o que /OP que] o João comeu] [DP o bolo]]]. (Costa & Duarte, 2001)

(90) [IP [CP [o que o João comeu] foram [SC ti[DP os bolos]

(exemplo de Costa & Duarte, 2001, p. 631)

Outro fator é que o constituinte nominal, após o verbo *ser*, tem sempre a referencialidade mais proeminente (>referencial), o que pode desencadear a concordância do verbo *ser*. Lobo (2006) explica: «... como referido por Tavares (2005) para as estruturas identificacionais nominais e como sugerido em Costa & Duarte, ms. para as clivadas, que a concordância de *ser* se faz com o constituinte referencialmente mais proeminente. Assim, se admitirmos uma hierarquia de referencialidade *pronome* > DP > CP-Q, numa estrutura de tipo identificacional, o verbo estabelecerá a concordância com o elemento referencialmente mais proeminente» (Lobo, 2006, p. 470). Nas pseudoclivadas básicas, o DP pós-verbal tem referencialidade mais proeminente do que a oração relativa. Vejamos os exemplos seguintes:

(91) a. Quem partiu os copos foram as crianças.

b. O que as crianças partiram foram os copos.

c. O que as crianças partiram foi os copos.

No exemplo (91a) e (91b), *as crianças* e *os copos* são DP > referencial, ocupam a posição do especificador no núcleo da categoria funcional [Spec, I], atribuindo os traços de pessoa e número ao verbo. As relativas nominais (*Quem partiu os copos* e *O que as*

*crianças partiram*) à esquerda do verbo *ser* têm a referencialidade (< referencial) que não é controladora da concordância do verbo *ser*. Senão, obtemos a frase como (91c).

Concluindo, de acordo com os resultados obtidos das respostas dos falantes nativos de PE, tanto nas estruturas clivadas canônicas como nas pseudoclivadas básicas, os DP nominais à direita do verbo *ser* desencadeiam preferencialmente a concordância verbal.

Espera-se que, no fim, este trabalho possa trazer contributos para o trabalho de revisão em concordância verbal e em estruturas clivadas. Devido à pequena quantidade da amostra e método de análise descritiva, os resultados obtidos e analisados não podem ser considerados como normativos, porém, oferecemos uma nova perspectiva relativamente à variação da língua. Reconhecemos, quanto à atividade do revisor, que a sua responsabilidade não é apenas delimitada pela correção gramatical, lexical ou ortográfica, pois é necessária uma consideração pelo equilíbrio entre a norma e variação linguística. Deseja-se que este trabalho possa servir como contributo para o melhor entendimento e conhecimento da concordância do verbo *ser* em estruturas clivadas. Em investigações futuras, poder-se-á analisar um padrão de concordância do verbo *ser* em estruturas clivadas no âmbito da teoria generativista ou serem realizados estudos de outros tipos de estruturas clivadas, tais como pseudoclivadas invertidas e clivadas-Q.

## Referências bibliográficas

- Abalada, S. I. D. S. (2010). *Aquisição de estruturas com constituintes nas periferias esquerda e direita da frase em português europeu*. Dissertação de mestrado, FLUL.
- Ambar, M. (1988). *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa (Publ. 1992 Ed. Colibri).
- Bakhtin, M. (2006). *Marxismo e filosofia da linguagem* (12a ed.). Hucitel.
- Barbosa, P. (2013). As construções pseudoclivadas: perguntas e respostas. *Textos selecionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 131-148.
- Bazenga, A. M. (2010). A realização variável da concordância verbal P6 no português falado no Funchal: estudo preliminar. *Revista de Divulgação Científica AICA*, 2, 103-114.
- Belletti, A. (2004). Aspects of the low IP area. *The structure of CP and IP: The cartography of syntactic structures vol. 2*, 16-51. Oxford, New York: Oxford University Press.
- Brito, A. M. (1988). *A sintaxe das orações relativas em português. Estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*. Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto.
- Cardoso, A., Carrilho, E. & Pereira, S. (2011). On verbal agreement variation in European Portuguese: syntactic conditions for the 3SG/3PL alternation. *Diacrítica*, 25(1), 137-159.
- Carrilho, E. (2003). Ainda a 'unidade e diversidade da língua portuguesa': a sintaxe. *Razões e Emoção. Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Vol. 2*, 19-41. Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda.
- Colaço, M. (2005). *Configurações de Coordenação Aditiva: Tipologia, Concordância e Extração*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

- Colaço, M. (2006). Coordenação e movimento sintático: os dados do Português Europeu. *Letras de Hoje*, 41(1).
- Colaço, M. (2012). Retomando a questão da concordância parcial no interior de constituintes nominais coordenados. A. Costa, I. Falé & P. Barbosa (eds.) *Textos Seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística 2011*. Lisboa: Edições Colibri/APL, 153-170.
- Colaço, M. (2016). Especificidades das estruturas de coordenação: padrões de concordância. In Martins, A. M. & E. Carrilho (eds.). *Manual de Linguística Portuguesa*. Germany: The Gruyter, 502-522.
- Costa, J. (2000). Word order and discourse-configurationality in European Portuguese. *Portuguese syntax: New comparative studies*, 94-115.
- Costa, J. & Duarte, I. (2001). Minimizando a Estrutura: uma Análise Unificada das Construções de Clivagem em Português. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL/Colibri, 627-638.
- Costa, J., & Lobo, M. (2009). Estruturas clivadas: evidência dos dados do português europeu não-standard. In *Anais do Congresso Internacional da Abralín-João Pessoa-2009* (pp. 3800-3806).
- Costa, J., & Silva, M. C. F. (2006). Notas sobre a concordância verbal e nominal em português. *Estudos Linguísticos*, 35, 95-109.
- Cunha, C. & Cintra, L. (2014). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (21.a ed.) Edições João Sá da Costa.
- Den D.; Marcel, A. M.; Wilder, C. (2000). *Pseudoclefts and ellipsis*. *Studia Linguistica* 54: 41-89.
- Duarte, I (2003). *Construções de clivagem*. In Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

- Duarte, I., Ana L. S. & Abalada. S. (2016). Periferias esquerda e direita: assimetrias. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, (1), 311–343.
- Ferguson, C. A. (1996). Standardization as a form of language spread. *Sociolinguistic Perspectives: Papers on Language in society*, 189-199.
- Fidalgo, M. 2014. *Guia para revisores. Uma proposta para o exercício de uma profissão pouco (re)conhecida*. Diss. Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- Gonçalves, R. (2013). Construções-Q e de clivagem no português de São Tomé. *Textos Seleccionados XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística 2012*, 453-471.
- Hankamer, J. (1974) On the Non-cyclic Nature of Wh-Clefting. *Papers from the Tenth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. M. W. La Galay et. al. (orgs.), 221- 233. Chicago: Chicago Linguistic society.
- Haugen, E. I. (1972) *The Ecology of Language*. Stanford: Stanford University Press.
- Kiss, K. É. (1998). Identificational focus versus information focus. *Language vol. 74*, n. 2, 245-273.
- Lobo, M. (2006). Assimetrias em construções de clivagem do português: Movimento vs. geração na base. *Em XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*, 457–473. Lisboa: APL/Colibri.
- Martins, A. M., & Lobo, M. (2020). Estratégias de marcação de Foco: ordem dos constituintes frásicos e estruturas clivadas. In E. Paiva Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. Coelho da Mota, L. Segura, A. Mendes, & A. Andrade (Eds.), *Gramática do Português* (Vol. 3, 2615-2664). Fundação Gulbenkian.
- Martins, A. M. (2012). Aparente variação na concordância sujeito-verbo no português europeu: ambiguidade quanto ao carácter singular ou plural do sujeito frásico, in *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*, 191-219. In. Lobo et al. Salvador: EDUFBA.

- Martins, M. A., & de Araujo Matos, F. I. (2016). Ambiguidade estrutural e variação na concordância número-pessoa em clivadas canônicas no português brasileiro. *Sociolinguística e Política Linguística: Olhares Contemporâneos, Volume 1*, 59 -78.
- Milroy, J. (2001). Language ideologies and the consequences of standardization. *Journal of sociolinguistics*, 5(4), 530-555.
- Milroy, L., & Milroy, J. (1992). Social network and social class: Toward an integrated sociolinguistic model. *Language in society*, 21(1), 1-26.
- Mioto, C. (2003). Focalização e quantificação. *Revista Letras*, n. 61, especial, 169-189. Curitiba.
- Mioto, C., & Negrão, E. V. (2007). As sentenças clivadas não contêm uma relativa. *In Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: Campinas.
- Móia, T. (1996). *A sintaxe das orações relativas sem antecedente expresso do português*. In AAVV. *Quatro Estudos sobre Sintaxe do Português*, 149-188. Lisboa: Edições Colibri.
- Mota, M. A., & Vieira, S. R. (2008). Contrastando variedades do português brasileiro e europeu: padrões de concordância sujeito-verbo. *Língua portuguesa. Identidade, Difusão e Variabilidade, UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas*, 87-113.
- Pillière, L., & Lewis, D. M. (2018). Revisiting standardisation and variation. *E-rea- Revue électronique d'études sur le monde anglophone*, 15(2).
- Peres, J. A., & Móia, T. (1995). *Áreas críticas da língua portuguesa*. Caminho.
- Raposo, E. P. et al. (2013). *Gramática do Português – Volume I, II*. Lisboa: Fundação Calous- te Gulbenkian.
- Ribeiro, I., & Côrtes, J. M. (2009). As construções pseudoclivadas e clivadas. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 209-230.

Rizzi, L. (1997). The fine structure of the left periphery. *Elements of grammar*, 281-337. Kluwer Academic Publishers.

Stowell, T. (1981) *Origins of phrase structure*, PhD Diss., MIT.

Tavares, J. A. (2005) *Orações copulativas nominais com o verbo ser em Português Europeu*. Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa.

Vallduví, E. (1992). "The Dynamics of Information Packaging." Manuscript: University of Edinburgh Published (1994) in E. Engdahl (ed.) *Integrating Information Structure into Constraint-based and Categorical Approaches*. ESPRIT Basic Research Project 6852, *Dynamic Interpretation of Natural Language*. DYANA-2 Deliverable R 1.3.B. ILLC. University of Amsterdam, 1-27.

Zubizarreta, M. L. (1998). *Prosody, focus and word order*. MIT Press: Londres.

*Sites consultados:*

Dicionário Terminológico: <http://dt.dge.mec.pt/index.php?id=n9>.

Linguateca: <https://www.linguateca.pt>

## ANEXOS

### **Anexo 1 — Resultados individuais na tarefa de juízo**

Esta tabela conta a quantidade de opções 1; 2; 3; 4; 5 para cada participante. Há quatro frases para cada condição, e o número entre parênteses representa a quantidade de escolhas correspondentes feitas pelos participantes. Por exemplo, inaceitável (3) representa três frases para as quais o participante escolheu 1 ou 2. Se os números entre parênteses de inaceitável e aceitável não somarem 4, o número restante representa o número de escolhas de 3 do participante, por exemplo, inaceitável (2) /aceitável (1), então o participante escolheu 3 para uma frase. Na tabela, há ocorrências do número 0, que representa a escolha 3 feita pelo participante para essas quatro frases.

participante	Clivadas canónica				Pseudoclivadas básicas			
	Clivagem de sujeito		Clivagem de CD		Clivagem de sujeito		Clivagem de CD	
	SER em 3ª pessoa do singular	SER em 3ª pessoa do plural	SER em 3ª pessoa do singular	SER em 3ª pessoa do plural	SER em 3ª pessoa do singular	SER em 3ª pessoa do plural	SER em 3ª pessoa do singular	SER em 3ª pessoa do plural
1	inaceitável	aceitável	inaceitável (3) /aceitável (1)	aceitável (3)	inaceitável	aceitável	inaceitável (1) /aceitável (1)	aceitável
2	inaceitável	aceitável	inaceitável (2) /aceitável (2)	aceitável	inaceitável (3) /aceitável (1)	aceitável	inaceitável	aceitável
3	inaceitável	aceitável	inaceitável (1) /aceitável (3)	aceitável	inaceitável	aceitável	inaceitável (3) /aceitável (1)	aceitável
4	inaceitável	aceitável	inaceitável	aceitável	inaceitável	aceitável	inaceitável (1)	aceitável
5	inaceitável	aceitável	inaceitável (2) /aceitável (1)	aceitável	inaceitável	aceitável	aceitável (1)	aceitável
6	inaceitável	aceitável	inaceitável(1)	inaceitável (1) /aceitável (1)	inaceitável	aceitável	aceitável (3)	aceitável
7	inaceitável (3) /aceitável (1)	aceitável	inaceitável(3)	inaceitável (2) /aceitável (1)	inaceitável	aceitável	aceitável	aceitável
8	inaceitável	aceitável	inaceitável (2) /aceitável (1)	inaceitável (1) /aceitável (2)	inaceitável	aceitável	0	aceitável
9	inaceitável	aceitável	inaceitável (1) /aceitável (3)	aceitável (3)	inaceitável	aceitável	aceitável	aceitável
10	inaceitável (3) /aceitável (1)	aceitável	inaceitável (2) /aceitável (1)	aceitável	inaceitável	aceitável	inaceitável (3) /aceitável (1)	aceitável
11	inaceitável	aceitável	inaceitável	inaceitável (1) /aceitável (3)	inaceitável	aceitável	inaceitável	aceitável
12	inaceitável	aceitável	inaceitável (1) /aceitável (1)	inaceitável (1) /aceitável (1)	inaceitável	aceitável	aceitável (2)	aceitável
13	inaceitável	aceitável	inaceitável	inaceitável (3)	inaceitável	aceitável	inaceitável	inaceitável (2) /aceitável (1)
14	inaceitável	aceitável	inaceitável (1) /aceitável (3)	aceitável	inaceitável (2) /aceitável (2)	aceitável	inaceitável (1) /aceitável (3)	aceitável
15	inaceitável	aceitável	inaceitável	inaceitável (1) /aceitável (3)	inaceitável	aceitável	inaceitável	aceitável
16	inaceitável	aceitável	inaceitável (2)	aceitável	inaceitável	aceitável	aceitável (3)	aceitável
17	inaceitável	aceitável	inaceitável (2) /aceitável (1)	aceitável	inaceitável	aceitável	inaceitável (2)	aceitável
18	inaceitável	aceitável	inaceitável (1) /aceitável (1)	inaceitável (2) /aceitável (2)	inaceitável	aceitável	0	aceitável
19	inaceitável	aceitável	inaceitável (2) /aceitável (2)	inaceitável (1) /aceitável (3)	inaceitável	aceitável	inaceitável (2) /aceitável (2)	aceitável
20	inaceitável	inaceitável (3) /aceitável (1)	inaceitável	inaceitável (3) /aceitável (1)	inaceitável	aceitável	inaceitável	aceitável
21	inaceitável	aceitável	inaceitável (3) /aceitável (1)	aceitável	inaceitável	aceitável	inaceitável (1) /aceitável (3)	aceitável
22	inaceitável	aceitável	inaceitável (1) /aceitável (3)	inaceitável (1) /aceitável (1)	inaceitável	aceitável	aceitável (3)	inaceitável (2) /aceitável (1)
23	inaceitável (2) /aceitável (2)	aceitável	aceitável (2)	aceitável (3)	inaceitável (2) /aceitável (2)	aceitável	aceitável	aceitável
24	aceitável	aceitável	inaceitável (1) /aceitável (3)	inaceitável (2) /aceitável (2)	inaceitável (3) /aceitável (1)	aceitável	inaceitável (1) /aceitável (3)	aceitável
25	inaceitável	aceitável	inaceitável	inaceitável (1) /aceitável (1)	inaceitável	aceitável	inaceitável (3)	aceitável
26	inaceitável	aceitável	inaceitável (3)	aceitável	inaceitável	inaceitável (1) /aceitável (3)	aceitável (1)	aceitável
27	inaceitável	aceitável	aceitável (1)	aceitável	inaceitável	aceitável	aceitável (1)	aceitável
28	inaceitável	aceitável	inaceitável (3)	aceitável (3)	inaceitável	aceitável	inaceitável (2) /aceitável (1)	aceitável
29	inaceitável (3) /aceitável (1)	aceitável	inaceitável (2) /aceitável (2)	aceitável	inaceitável	aceitável	inaceitável (1) /aceitável (3)	aceitável
30	inaceitável	aceitável	inaceitável (3) /aceitável (1)	inaceitável (1) /aceitável (3)	inaceitável	aceitável	inaceitável (2) /aceitável (2)	aceitável
31	inaceitável	aceitável	inaceitável (3)	aceitável	inaceitável	aceitável	inaceitável	aceitável

## Anexo 2 — Lista de itens de teste

### 1. Estruturas clivadas canônicas:

#### 1.1 Clivagem de sujeito concordância singular

C1: O João comprou os frascos de compota?

T1: Não, foi as filhas do João que compraram os frascos de compota.

C2: A Marta reservou os bilhetes de avião?

T2: Não, foi os pais da Marta que reservaram os bilhetes de avião.

C3: A Joana entregou os relatórios do projeto?

T3: Não, foi os estudantes da Joana que entregaram os relatórios do projeto.

C4: O Carlos pagou as contas da água?

T4: Não, foi os inquilinos do Carlos que pagaram as contas da água.

#### 1.2 Clivagem de sujeito concordância plural

C5: A Sofia escolheu os vestidos de seda?

T5: Não, foram as primas da Sofia que escolheram os vestidos de seda.

C6: O Pedro desmarcou as reuniões de trabalho?

T6: Não, foram os chefes do Pedro que desmarcaram as reuniões de trabalho.

C7: O Miguel marcou as consultas de urologia?

T7: Não, foram os pais do Miguel que marcaram as consultas de urologia.

C8: A Maria trouxe os croissants de chocolate?

T8: Não, foram os vizinhos da Maria que trouxeram os croissants de chocolate.

#### 1.3 Clivagem de complemento direto concordância singular

C1: O João comprou os frascos de compota?

T9: Não, foi os doces de ovos que o João comprou.

C2: A Marta reservou os bilhetes de avião?

T10: Não, foi os quartos de hotel que a Marta reservou.

C3: A Joana entregou os relatórios de reunião?

T11: Não, foi os relatórios de estágio que a Joana entregou.

C4: O Carlos pagou as contas da água?

T12: Não, foi as contas da luz que o Carlos pagou.

#### 1.4 Clivagem de complemento direto concordância plural

C5: A Sofia escolheu os vestidos de seda?

T13: Não, foram os vestidos de malha que a Sofia escolheu.

C6: O Pedro desmarcou as reuniões de trabalho?

T14: Não, foram os exames de condução que o Pedro desmarcou.

C7: O Miguel marcou as consultas de urologia?

T15: Não, foram as consultas de dermatologia que o Miguel marcou.

C8: A Maria trouxe os croissants de chocolate?

T16: Não, foram os doces de amêndoa que a Maria trouxe.

#### 2. Estruturas pseudo-clivadas:

##### 2.1 Clivagem de sujeito concordância singular:

C1: O João comprou os frascos de compota?

T17: Não, quem comprou os frascos de compota foi as filhas do João.

C2: A Marta reservou os bilhetes de avião?

T18: Não, quem reservou os bilhetes de avião foi os pais da Marta.

C3: A Joana entregou os relatórios do projeto?

T19: Não, quem entregou os relatórios do projeto foi os estudantes da Joana.

C4: O Carlos pagou as contas da água?

T20: Não, quem pagou as contas da água foi os inquilinos do Carlos.

##### 2.2 Clivagem de sujeito concordância plural:

C5: A Sofia escolheu os vestidos de seda?

T21: Não, quem escolheu os vestidos de seda foram as primas da Sofia.

C6: O Pedro desmarcou as reuniões de trabalho?

T22: Não, quem desmarcou as reuniões de trabalho foram os chefes do Pedro.

C7: O Miguel marcou as consultas de urologia?

T23: Não, quem marcou as consultas de urologia foram os pais do Miguel.

C8: A Maria trouxe os croissants de chocolate?

T24: Não, quem trouxe os croissants de chocolate foram os vizinhos da Maria.

### 2.3 Clivagem de complemento direto concordância singular:

C1: O João comprou os frascos de compota?

T25: Não, o que o João comprou foi os doces de ovos.

C2: A Marta reservou os bilhetes de avião?

T26: Não, o que a Marta reservou foi os quartos de hotel.

C3: A Joana entregou os relatórios do projeto?

T27: Não, o que a Joana entregou foi os relatórios de estágio.

C4: O Carlos pagou as contas da água?

T28: Não, o que o Carlos pagou foi as contas da luz.

### 2.4 Clivagem de complemento direto concordância plural:

C5: A Sofia escolheu os vestidos de seda?

T29: Não, o que a Sofia escolheu foram os vestidos de malha.

C6: O Pedro desmarcou as reuniões de trabalho?

T30: Não, o que o Pedro desmarcou foram os exames de condução.

C7: O Miguel marcou as consultas de urologia?

T31: Não, o que o Miguel marcou foram as consultas de dermatologia.

C8: A Maria trouxe os croissants de chocolate?

T32: Não, o que a Maria trouxe foram os doces de amêndoa.

### Anexo 3 — Lista de distratores

C1: O João comprou a tarte de amêndoa?

D1: \*Não, quem compraram a tarte de amêndoa foram as filhas do João.

D2: \*Não, foram as filhas do João compraram a tarte de amêndoa.

D3: Não, as filhas do João é que compraram a tarte de amêndoa.

D4: Não, o que o João comprou foi o bolo de chocolate.

C2: A Marta reservou os bilhetes de avião?

D5: Não, foi a Carolina que reservou os bilhetes de avião.

D6: Não, a Carolina é que reservou os bilhetes de avião.

D7: \*Não, foi a Ana reservou os bilhetes de avião.

D8: \*Não, quem reservaram os bilhetes de avião foram os pais da Marta.

C3: A Joana entregou os relatórios do projeto?

D9: \*Não, os professores da Ana que entregaram os relatórios do projeto.

D10: Não, o que a Joana entregou foi a tese de mestrado.

D11: \*Não, quem entregaram os relatórios do projeto foram os estudantes da Joana.

D12: Não, foi a tese de mestrado que a Joana entregou.

C4: O Carlos pagou as contas da água?

D13: Não, foi a conta da luz que o Carlos pagou.

D14: \*Não, foi os irmãos do Carlos que pagou as contas da água.

D15: Não, quem pagou as contas da água foi a Catarina.

D16: \*Não, as contas da luz foi que o Carlos pagou.

C5: A Sofia escolheu os vestidos de seda?

D17: Não, foi a amiga da Sofia que escolheu os vestidos de seda.

D18: \*Não, o que a Sofia escolheram foram os vestidos de malha.

D19: Não, as primas da Sofia é que escolheram os vestidos de seda.

D20: \*Não, os vestidos de malha foram que a Sofia escolheu.

C6: O Pedro desmarcou as reuniões de trabalho?

D21: Não, foi o João que desmarcou as reuniões de trabalho.

D22: Não, foi a reunião de condomínio que o Pedro desmarcou.

D23: \*Não, quem desmarcaram as reuniões de trabalho foram os chefes do Pedro.

D24: \*Não, o João foi que desmarcou as reuniões de trabalho.

C7: O Miguel marcou a consulta no dentista?

D25: Não, o Miguel marcou a consulta de cardiologia.

D26: \*Não, foram os pais do Miguel que marcou a consulta no dentista.

D27: Não, quem marcou a consulta no dentista foi o pai do Miguel.

D28: \*Não, o João foi que marcou a consulta no dentista.

C8: A Maria trouxe os croissants de chocolate?

D29: Não, foi a mãe da Maria que trouxe os croissants de chocolate.

D30: \*Não, foi os vizinhos que trouxe os croissants de chocolate.

D31: \*Não, os bolos de chocolate foram que a Maria trouxe.

D32: Não, a Maria trouxe os bolos de chocolate.

## Anexo 4 — Ficha de inscrição e questionário de tarefa de juízo

# Estudo de aceitabilidade: questionário sobre o grau de aceitabilidade de estruturas linguísticas do Português de Portugal

Antes de preencher o questionário, por favor, leia as informações seguintes:

### QUAL É O NOSSO OBJETIVO?

O nosso objetivo é investigar a aceitabilidade de algumas estruturas linguísticas para as pessoas que aprenderam o português em Portugal desde a nascença.

### A QUEM SE DESTINA O QUESTIONÁRIO?

Pessoas que aprenderam o português em Portugal desde a nascença.

### CONTEÚDOS DO QUESTIONÁRIO:

Este questionário inclui duas partes: uma parte inclui questões que permitem caracterizar os participantes; outra parte consiste numa tarefa em que se pede aos participantes para avaliarem as frases são corretas/adequadas ou não. (a tarefa demora cerca de 15 mins).

### GARANTIAS AOS PARTICIPANTES:

1. Todas as informações fornecidas serão tratadas de forma anónima, sem revelar nomes nem contactos;
2. As informações recolhidas serão utilizadas apenas para fins de investigação académica e não serão divulgadas nem transmitidas a terceiros;
3. Este questionário envolve apenas juízos linguísticos e informações pessoais anónimas, não envolvendo outras informações nem causando quaisquer danos;
4. O preenchimento do questionário é voluntário e não há nenhuma consequência se desistir.

SE TIVER QUALQUER QUESTÃO, contacte-me

Zhang Jing, [a2021101906@campus.fcsh.unl.pt](mailto:a2021101906@campus.fcsh.unl.pt) - mestranda responsável pela investigação.

Professora Doutora Maria Lobo, [maria.lobo@fcsh.unl.pt](mailto:maria.lobo@fcsh.unl.pt) - Orientadora.

## Parte I Dados de caracterização



Esta parte destina-se a recolher dados de caracterização dos participantes, mas não terá de fornecer o seu nome nem o seu contacto. Por favor, registe o seu código de participante como indicado abaixo. É garantido o anonimato e a confidencialidade das informações fornecidas. Por favor, preencha os campos restantes da forma mais completa possível. Muito obrigada!

1. Qual é a língua que aprendeu desde a nascença)? \*

- Português de Portugal
- Português de outros países (como Brasil, Moçambique, Cabo Verde; etc. )
- Outras línguas.

2. O seu código (Registe o seu código, inserindo a letra inicial do seu primeiro e último nome seguidas da sua data de nascimento. Por exemplo, se se chama Augusto Soares e nasceu no dia 13 de abril de 1980, insira o código: AS13041980.) \*

Texto de resposta curta

---

3. Sexo \*

- Masculino
- Feminino
- prefiro não escolher

4. Em que ano nasceu? (por exemplo, 1997) \*

Texto de resposta curta

---

5. A sua habilitação literária \*

- Doutoramento
- Mestrado
- Licenciatura
- Ensino secundário
- Ensino básico

Se tiver diploma de licenciatura, mestrado ou doutoramento, por favor, indique o curso

Texto de resposta curta

---

Se ainda não tiver graduação da licenciatura, mestrado ou doutoramento, por favor, indique o ano letivo e o curso

Texto de resposta curta

---

6. Para além da sua língua materna, sabe falar outras línguas? \*

Não

Sim

Se respondeu Sim, indique que outras línguas sabe falar:

Texto de resposta curta

---

7. Viveu ou residiu sempre em Portugal? \*

Sim

Não

Se selecionou "não", especifique durante quantos anos viveu fora de Portugal e em que idades.

Texto de resposta curta

---

## Parte II Tarefa de juízo



Nesta parte serão dadas aos participantes várias frases que os participantes devem avaliar de acordo com a sua aceitabilidade, escolhendo uma das opções.

No total, há 5 opções.

O **valor 1** corresponde a uma frase **completamente inaceitável**.

O **valor 5** corresponde a uma frase **completamente aceitável**.

Por favor, avalie a aceitabilidade das frases tendo em conta o seu uso na fala quotidiana. Para um melhor entendimento e a avaliação das frases, cada frase a avaliar será precedida de um breve contexto.

Esta parte consiste em 8 secções, cada secção tem 8 frases.

### Secção I

Descrição (opcional)

O João comprou os frascos de compota? \*

**1. Não, foi as filhas do João que compraram os frascos de compota.**

1 2 3 4 5  
Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

⋮  
A Sofia escolheu os vestidos de seda? \*

**2. Não, quem escolheu os vestidos de seda foram as primas da Sofia.**

1 2 3 4 5  
Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

A Marta reservou os bilhetes de avião? \*

**3. Não, foi a Ana reservou os bilhetes de avião.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Carlos pagou as contas da água? \*

**4. Não, foi as contas da luz que o Carlos pagou.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

⋮

A Maria trouxe os croissants de chocolate? \*

**5. Não, foi a mãe da Maria que trouxe os croissants de chocolate.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

A Joana entregou os relatórios do projeto? \*

**6. Não, o que a Joana entregou foi os relatórios de estágio.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Miguel marcou a consulta no dentista? \*

**7. Não, foram os pais do Miguel que marcou a consulta no dentista.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

⋮

O Pedro desmarcou as reuniões de trabalho? \*

**8. Não, foram os chefes do Pedro que desmarcaram as reuniões de trabalho.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

## Secção II



Descrição (opcional)

A Marta reservou os bilhetes de avião? \*

**1. Não, foi os pais da Marta que reservaram os bilhetes de avião.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

A Maria trouxe os croissants de chocolate? \*

**2. Não, o que a Maria trouxe foram os doces de amêndoa.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O João comprou a tarte de amêndoa? \*

**3. Não, quem compraram a tarte de amêndoa foram as filhas do João.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Carlos pagou as contas da água? \*

**4. Não, quem pagou as contas da água foi a Catarina.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Miguel marcou as consultas de urologia? \*

**5. Não, foram as consultas de dermatologia que o Miguel marcou.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

⋮  
O Pedro desmarcou as reuniões de trabalho? \*

**6. Não, foi a reunião de condomínio que o Pedro desmarcou.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

A Joana entregou os relatórios do projeto? \*

**7. Não, foi os estudantes da Joana que entregaram os relatórios do projeto.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

A Sofia escolheu os vestidos de seda? \*

**8. Não, foi a amiga da Sofia que escolheu os vestidos de seda.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

### Secção III



Descrição (opcional)

A Joana entregou os relatórios de reunião? \*

**1. Não, foi os relatórios de estágio que a Joana entregou.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável



Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

A Marta reservou os bilhetes de avião? \*

**2. Não, a Carolina é que reservou os bilhetes de avião.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa



A Maria trouxe os croissants de chocolate? \*

**3. Não, foram os vizinhos da Maria que trouxeram os croissants de chocolate.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Carlos pagou as contas de água? \*

**4. Não, foi os irmãos do Carlos que pagou as contas da água.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

A Sofia escolheu os vestidos de seda? \*

**5. Não, o que a Sofia escolheu foram os vestidos de malha.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

⋮

O João comprou a tarte de amêndoa? \*

**6. Não, foram as filhas do João compraram a tarte de amêndoa.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Miguel marcou as consultas de urologia? \*

**7. Não, quem marcou as consultas de urologia foram os pais do Miguel.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Pedro desmarcou as reuniões de trabalho? \*

**8. Não, quem desmarcaram as reuniões de trabalho foram os chefes do Pedro.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

## Secção IV



Descrição (opcional)

O Carlos pagou as contas da água? \*

**1. Não, foi os inquilinos do Carlos que pagaram as contas da água.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

A Maria trouxe os croissants de chocolate? \*

**2. Não, foi os vizinhos que trouxe os croissants de chocolate.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

⋮

A Joana entregou os relatórios do projeto? \*

**3. Não, quem entregaram os relatórios do projeto foram os estudantes da Joana.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

A Sofia escolheu os vestidos de seda? \*

**4. Não, foram os vestidos de malha que a Sofia escolheu.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

A Marta reservou os bilhetes de avião? \*

**5. Não, quem reservou os bilhetes de avião foi os pais da Marta.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

⋮

O Miguel marcou a consulta no dentista? \*

**6. Não, quem marcou a consulta no dentista foi o pai do Miguel.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O João comprou os frascos de compota? \*

**7. Não, quem comprou os frascos de compota foi as filhas do João.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

...

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Pedro desmarcou as reuniões de trabalho? \*

**8. Não, foi o João que desmarcou as reuniões de trabalho.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

...

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

## Secção V



Descrição (opcional)

O Miguel marcou as consultas de urologia? \*

**1. Não, foram os pais do Miguel que marcaram as consultas de urologia.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável



Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

A Sofia escolheu os vestidos de seda? \*

**2. Não, o que a Sofia escolheram foram os vestidos de malha.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---



A Joana entregou os relatórios do projeto? \*

**3. Não, o que a Joana entregou foi a tese de mestrado.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O João comprou os frascos de compota? \*

**4. Não, foi os doces de ovos que o João comprou.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Carlos pagou as contas da água? \*

**5. Não, o que o Carlos pagou foi as contas da luz.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

A Maria trouxe os croissants de chocolate? \*

**6. Não, os bolos de chocolate foram que a Maria trouxe.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

A Marta reservou os bilhetes de avião? \*

**7. Não, quem reservaram os bilhetes de avião foram os pais da Marta.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Pedro desmarcou as reuniões de trabalho? \*

**8. Não, foram os exames de condução que o Pedro desmarcou.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

## Secção VI



Descrição (opcional)

A Sofia escolheu os vestidos de seda? \*

**1. Não, as primas da Sofia é que escolheram os vestidos de seda.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

A Marta reservou os bilhetes de avião? \*

**2. Não, o que a Marta reservou foi os quartos de hotel.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

A Maria trouxe os croissants de chocolate? \*

**3. Não, a Maria trouxe os bolos de chocolate.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Pedro desmarcou as reuniões de trabalho? \*

**4. Não, quem desmarcou as reuniões de trabalho foram os chefes do Pedro.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Carlos pagou as contas da água? \*

**5. Não, foi a conta da luz que o Carlos pagou.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

⋮

A Joana entregou os relatórios do projeto? \*

**6. Não, quem entregou os relatórios do projeto foi os estudantes da Joana.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O João comprou a tarte de amêndoa? \*

**7. Não, o que o João comprou foi o bolo de chocolate.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Miguel marcou as consultas de urologia? \*

**8. Não, o que o Miguel marcou foram as consultas de dermatologia.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

## Secção VII



Descrição (opcional)

A Joana entregou os relatórios do projeto? \*

**1. Não, os professores da Ana que entregaram os relatórios do projeto.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

⋮

O Miguel marcou a consulta no dentista? \*

**2. Não, o João foi que marcou a consulta no dentista.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

A Maria trouxe os croissants de chocolate? \*

**3. Não, quem trouxe os croissants de chocolate foram os vizinhos da Maria.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

A Sofia escolheu os vestidos de seda? \*

**4. Não, os vestidos de malha foram que a Sofia escolheu.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

A Marta reservou os bilhetes de avião? \*

**5. Não, foi os quartos de hotel que a Marta reservou.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

⋮

O João comprou a tarte de amêndoa? \*

**6. Não, as filhas do João é que compraram a tarte de amêndoa.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Pedro desmarcou as reuniões de trabalho? \*

**7. Não, o que o Pedro desmarcou foram os exames de condução.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Carlos pagou as contas da água? \*

**8. Não, as contas da luz foi que o Carlos pagou.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

## Secção VIII



Descrição (opcional)

A Maria trouxe os croissants de chocolate? \*

**1. Não, foram os doces de amêndoa que a Maria trouxe.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável



Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

A Marta reservou os bilhetes de avião? \*

**2. Não, foi a Carolina que reservou os bilhetes de avião.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa



A Joana entregou os relatórios do projeto? \*

**3. Não, foi a tese de mestrado que a Joana entregou.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Carlos pagou as contas da água? ⋮ \*

**4. Não, quem pagou as contas da água foi os inquilinos do Carlos.**

1	2	3	4	5	
○	○	○	○	○	
Completamente inaceitável					Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Pedro desmarcou as reuniões de trabalho? \*

**5. Não, o João foi que desmarcou as reuniões de trabalho.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

...

A Sofia escolheu os vestidos de seda? \*

**6. Não, foram as primas da Sofia que escolheram os vestidos de seda.**

	1	2	3	4	5	
Completamente inaceitável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

O Miguel marcou a consulta no dentista? \*

**7. Não, o Miguel marcou a consulta de cardiologia.**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

⋮

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---

⋮

O João comprou os frascos de compota? \*

**8. Não, o que o João comprou foi os doces de ovos**

1 2 3 4 5

Completamente inaceitável      Completamente aceitável

Se marcou a opção 1 ou 2, apresente uma alternativa aceitável para a palavra ou a parte da frase que acha inadequada.

Texto de resposta longa

---